

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
KERLLY KARINE PEREIRA HERÊNIO

“TU” E “VOCÊ” EM UMA PERSPECTIVA INTRA-LINGÜÍSTICA

UBERLÂNDIA
2006

KERLLY KARINE PEREIRA HERÊNIO

“TU” E “VOCÊ” EM UMA PERSPECTIVA INTRA-LINGÜÍSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha.

Uberlândia
2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H255t Herênio, Kerlly Karine Pereira, 1979-
"Tu" e "você" em uma perspectiva intra-lingüística / Kerlly
Karine Pereira Herênio. - 2006.
120 f.
Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-
grama de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.

1. Linguística aplicada - Teses. 2. Sociolingüística - Teses. I.
Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

CDU: 801

Kerlly Karine Pereira Herênio

“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-lingüística

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Uberlândia, 29 de novembro de 2006

Banca Examinadora

Profª Drª Maura Alves de Freitas Rocha – UFU

Profª Drª Ormezinda Maria Ribeiro - UNICERP

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho - UFU

Ao meu pai, minha luz guia o qual lutou
para que meus sonhos se realizassem.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Mestrado em Linguística pela oportunidade de fazer parte de um curso de pós-graduação tão eficiente e dedicado aos seus discentes.

À professora Maura Alves de Freitas Rocha pela orientação.

Aos Professores Ernesto, Cleudemar e Waldenor pelo apoio emocional imenso e às funcionárias Eneida, Solene e Maísa pela colaboração e amizade.

À Academia Imperatrizense de Letras, em especial ao amigo Edmilson Sanches, pela doação dos livros que serviram de apoio ao meu trabalho.

Aos meus amigos de curso por sua constante solidariedade.

Aos meus informantes de pesquisa que se disponibilizaram apenas com o intuito de colaborar, em especial ao Colégio Dom Bosco de Imperatriz.

À doutoranda em Língua Portuguesa e Linguística, Helena Maria Gramiscelli Magalhães pelo apoio incondicional em momentos difíceis.

À minha avó Aguida, tias Aguidacy e Nitta, tio Joel e primos Fabrício, Anny e Thayse que me revitalizavam, fontes inesgotáveis de simples sabedoria.

A Jones pela orientação burocrática e apoio que só um irmão pode dar.

A Kleber e Eleta pelo apoio incondicional, minha segunda família que, gratuitamente, proporcionaram-me momentos de alegria.

À minha mãe Elizabeth pelo intenso contato, mesmo tão distante, apoio importante nos momentos de tanta saudade. Você é meu amor e minha paz.

E à pessoa inspiradora de minha vida, meu pai João, um lutador, minha luz de todos os dias, minha força, meu guia!

[...]

Só **tu** e eu ouvíamos,
Sentados à beira do riacho,
O marulho das cantigas,
Recebendo o beijo da brisa
Para consolo de nossos sonhos!
Na sombra do mangueiral
Cravaste o meu nome e o **teu**,

[...]

Enfeitaste a minh'alma

[...]

Eu **te** chamei rainha
Do castelo edificado com as paredes
De meus sonhos peregrinos
E coloquei-**te** frente ao sol,

[...]

Segredaste-me novamente
Que o príncipe de teus domínios
Seria eu no encantamento!
Porém, não **te** ouvi nunca mais
Reproduzir as palavras da ilusão!

(FIQUENE, 1994)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar a existência de variação nos pronomes pessoais do caso reto, singular, “tu” e “você” no Português Brasileiro falado contemporâneo. A pesquisa, amparada pela teoria sociolingüística de William Labov, objetiva detectar a co-ocorrência de “tu” e “você” em duas regiões diferentes do país, o que nos conduz à análise de fatores lingüísticos e extralingüísticos presentes nos discursos de falantes adultos das cidades de Uberlândia, MG, região sudeste e Imperatriz, MA, região nordeste. Temos como hipótese geral: o pronome “tu” ocorre com muita freqüência em Imperatriz e não ocorre em Uberlândia. E para a composição do *corpus* foram utilizadas 43 entrevistas realizadas em cada localidade citada. A análise evidenciou que os pronomes “tu” e “você” co-ocorrem em Imperatriz e que há apenas o emprego do pronome “você” em Uberlândia. Não se confirma a hipótese de que o pronome “tu” ocorre com muita freqüência em Imperatriz, visto que o pronome “você” é o mais empregado. Além disso, o pronome “tu” em Imperatriz é empregado na maior parte com o verbo na terceira pessoa do singular.

Palavras-chave: fala, pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, sociolingüística laboviana.

ABSTRACT

The scope of this dissertation is to investigate variation of the subjective pronouns “tu” and “você” in the speech of the Portuguese of Brazil. The study, based upon the Labovian Sociolinguistic theory of linguistic variation, aims at detecting the possibility of co-occurrence between these pronouns in two different regions of Brazil. To accomplish such a goal I take into account the linguistic and the extra linguistic aspects in the speeches of adult speakers in the cities of Uberlândia (MG) and Imperatriz (MA). We have as general hypothesis: the pronoun “tu” occur with much frequency in Imperatriz and it doesn’t occur in Uberlândia. To compose the *corpus* were used 43 interviews realized in each place noted above. The analysis evidenced that the “tu” e “você” pronouns co-occur in Imperatriz and exists only “você” pronoun in Uberlândia. We don’t confirm the hypothesis that the pronoun “tu” occur with many frequency in Imperatriz, because the pronoun “você” is the more used. Besides, the pronouns “tu” is used with the verb on the third person on the most of cases.

Key-words: speech, subject pronouns, labovian sociolinguistic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – Formas pronominais em entremezes portugueses – séculos XVIII e XIX	38
GRÁFICO 2 – Região geográfica x variável dependente – leitura horizontal	69
GRÁFICO 3 – Variável dependente x termo co-referente de 2ª pessoa – leitura horizontal.....	71
GRÁFICO 4 – Termo co-referente de 2ª pessoa x região geográfica x variável dependente – leitura horizontal	73
GRÁFICO 5 – Variável dependente x paradigma número pessoal do verbo – leitura horizontal.....	76
GRÁFICO 6 – Paradigma número pessoal do verbo x região geográfica x variável dependente	79
GRÁFICO 7 – Paradigma número-pessoal do verbo x região geográfica x variável dependente – leitura vertical	80
GRÁFICO 8 – Classe social x variável dependente	82
GRÁFICO 9 – Paradigma número-pessoal do verbo x classe social x variável dependente	84
GRÁFICO 10 – Faixa etária x variável dependente	86
GRÁFICO 11 – Paradigma número-pessoal do verbo x faixa etária x variável dependente	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14-17
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18-55
1.1 Introdução.....	18
1.2 Sociolingüística Laboviana	18-23
1.3 Sociolingüística Paramétrica	23-28
1.4 A Visão da Gramática Tradicional	28-35
1.4.1 O Português Europeu	28-32
1.4.2 O Português Brasileiro.....	32-35
1.5 Alteração no Sistema Pronominal	35-47
1.5.1 Alteração no Sistema Pronominal do Português Europeu.....	35-40
1.5.2 Alteração no Sistema Pronominal do Português Brasileiro	41-44
1.5.3 A Visão de Tarallo	44-46
1.5.4 A Visão de Roberts.....	46-47
1.6 Alternância entre “Tu” e “Você”	48-55
1.7 Considerações parciais.....	55
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56-67
2.1 Introdução.....	56
2.2 Material Utilizado	56-58
2.3 Envelope de Variação.....	58-66

2.4 Considerações parciais.....	67
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	68-89
3.1 Introdução.....	68
3.2 Região Geográfica x Variável Dependente.....	68-70
3.3 Termo Co-referente de 2ª pessoa x Variável Dependente	70-73
3.4 Termo Co-referente de 2ª pessoa x Região Geográfica x Variável Dependente.....	73-75
3.5 Paradigma Número-pessoal do Verbo x Variável Dependente	76-78
3.6 Paradigma Número-pessoal do Verbo x Região Geográfica x Variável Dependente.....	78-81
3.7 Classe Social x Variável Dependente	81-83
3.8 Paradigma Número-pessoal do Verbo x Classe Social x Variável Dependente.....	83-85
3.9 Faixa Etária x Variável Dependente	85-86
3.10 Paradigma Número-pessoal do Verbo x Faixa Etária x Variável Dependente.....	87-88
3.11 Considerações parciais.....	88-89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90-93
REFERÊNCIAS.....	94-97
ANEXOS	98-120

INTRODUÇÃO

Labov concebe a língua como um corpo mutante moldado por situações concretas de fala, uma língua real, heterogênea e social, sujeita às transformações no tempo. A Sociolinguística Laboviana apresenta os estudos da língua configurados em um modelo de natureza comprometido com os aspectos não só lingüísticos, mas também sociais.

O foco de estudo da língua por meio do contexto social vem aumentando nos últimos anos e novas referências teóricas, conseqüentemente, têm surgido, como é o caso de pesquisas sobre pronomes pessoais e, especificamente, sobre a variável de segunda pessoa representada pelos pronomes “tu” e “você”. Segundo Modesto (2005, p. 2) “o estudo das formas de tratamento no Brasil tem merecido muita atenção nos últimos anos.”

A segunda pessoa do singular interessa-nos, assim como as relações por ela estabelecidas. Primeiro é necessário evidenciar que a segunda pessoa é “a pessoa com que falamos [e] é representada por ‘tu’.” (ALMEIDA, 1980, p. 171). Os exemplos abaixo apresentam o modelo que a Gramática Normativa refere à segunda pessoa:

(1) Escreveu-te para que *tu* o recebesses.¹

(2) Ó *tu*, que vens de longe! Ó *tu*, que vens cansada!²

Os exemplos (1) e (2) apresentam o modelo gramatical tradicional para a segunda pessoa do singular, o pronome “tu” combinado a um verbo também na segunda pessoa do singular. Contudo, ressaltamos a opinião de Modesto (2005, p. 2) ao asseverar que “a forma ‘você’ vem adquirindo estatuto pronominal, alterando a concordância e acarretando muitas mudanças a partir de meados do século XIX.” Conforme se observa nos exemplos abaixo:

¹ Exemplo retirado de Cuesta e Luz (1971, p. 495).

² Extraído de Rocha Lima (1979, p. 282).

(3) Você queria arrendar a Torre, Pereira?³

(4) Você o chamou pra quê?⁴

O pronome “você” tem estatuto de segunda pessoa, mas é flexionado com um verbo na terceira pessoa, é o que assevera Cunha (1982, p. 291), quando relata que o pronome “você” “embora designe a pessoa a quem se fala (isto é, 2ª), leva o verbo para a 3ª pessoa.”

Nessa perspectiva, nosso foco de interesse na pesquisa é investigar a variação entre os pronomes de segunda pessoa “tu” e “você” no Português Brasileiro (PB), na modalidade oral. Na opinião de Modesto (2005, p. 2),

o estudo dessas formas [...] assume extrema importância no momento atual, posto que se percebe no português falado no Brasil uma [alteração] geral no seu quadro pronominal. Sabe-se [...] que há hoje algumas regiões do Brasil em que ocorre o uso do pronome “tu” como forma de tratamento cotidiano, como em alguns estados das regiões Sul e Norte do Brasil e mesmo na Baixada Santista, o que difere da maioria das regiões do país, onde a forma “você” parece ser predominante.

É exatamente nesse ponto que se configura a nossa pesquisa. Utilizamos um recorte da modalidade oral na cidade de Imperatriz, Maranhão e da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Por meio de entrevistas realizadas entre falantes adultos, objetiva-se investigar os pronomes “tu” e “você”.

Partimos da hipótese de que o pronome “tu” ocorre com muita frequência em Imperatriz e não ocorre em Uberlândia. E nos questionamos: estamos diante de uma co-ocorrência entre o pronome “tu” e o pronome “você”?

Com isso, é necessário considerar o objetivo geral de nossa investigação: verificar se o “tu” é característico na fala do informante de Imperatriz, assim co-ocorrendo com o pronome “você”.

Direcionamos nossa análise ao português contemporâneo e adotamos um conjunto de fatores lingüísticos e extralingüísticos para compor a nossa pesquisa. Este estudo insere-se na afirmação comumente encontrada em estudos de que o pronome “tu” está desaparecendo da fala do brasileiro.

³ Retirado de Cunha (1982, p. 291).

⁴ Cegalla (1979, p. 121).

Esclarecemos que, embora nossa investigação proponha um estudo da variável de segunda pessoa do singular, não verificaremos o estágio de mudança, mas a representatividade da variação.

E levando-se em consideração o vasto território brasileiro, há a necessidade de investigar a possibilidade de ocorrência do pronome “tu”, ou mesmo a co-ocorrência entre os pronomes “tu” e “você”, por isso a análise em duas regiões.

Um outro ponto relevante nessa discussão é o emprego do pronome “tu” flexionado a um verbo também de segunda pessoa. Para a Gramática Normativa, o pronome “tu” é flexionado de acordo com os exemplos (1) e (2). Parece não sermos precipitados ao questionar: na fala espontânea, há esse mesmo emprego do pronome “tu” com o verbo flexionado na segunda pessoa do singular?

Também é de fundamental importância ressaltarmos que essa dissertação está inserida nos parâmetros metodológicos da Sociolinguística Laboviana que se baseia no estudo e tratamento da língua mediante uma variação, provocada por diversos fatores que a condicionam. Esse modelo teórico proposto por Labov acredita que “a condição normal para a fala da comunidade é sua heterogeneidade.” (LABOV, 1982, p. 17, tradução nossa).⁵

Esse trabalho se organiza da seguinte maneira: logo após esta introdução, apresentamos as bases metodológicas que definem a Sociolinguística Laboviana, também chamada de Sociolinguística Quantitativa. Em seguida, apresentamos a Sociolinguística Paramétrica de Tarallo e Kato (1989).

Faz parte deste capítulo, ainda, a visão da Gramática Tradicional sobre o paradigma pronominal. Dessa maneira, o nosso trabalho apresenta o conhecimento tradicional do paradigma pronominal para a segunda pessoa do singular do Português Europeu (doravante PE) e do Português Brasileiro (PB). Para isso, utilizamos as gramáticas de Torres (1966), Cuesta e Luz (1971), Cegalla (1979), Rocha Lima (1979), Almeida (1980) e Cunha (1982).

Procuramos apresentar o paradigma gramatical do pronome de segunda pessoa com o intuito de verificarmos se a segunda pessoa descrita em nossa pesquisa é caso de variação, confrontando-a com os conhecimentos gramaticais.

⁵ The normal condition of the speech community is a heterogeneous one (LABOV, 1982, p. 17).

Em seguida, tomando como base os estudos de Tarallo (1993, 1993a) e Roberts (1993), apresentamos estudos sobre a alteração no sistema pronominal. O primeiro estudo examina a alteração no sistema pronominal e a justifica pela perda das flexões verbais. O segundo explica a existência de um sistema defectivo das perdas das flexões relacionado com a alteração no sistema pronominal. Além disso, mostramos ainda, um estudo sobre a alternância nos usos de “tu” e “você”.

No segundo capítulo, são abordados os procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho. Apresenta-se o *corpus* da pesquisa, que inclui não só as hipóteses e objetivos que foram trabalhados, mas também o envelope de variação.

E para desenvolver a análise, que está apresentada no capítulo 3, nossa pesquisa foi composta de um *corpus* de língua oral constituído de 86 entrevistas realizadas com falantes de Uberlândia e Imperatriz. No capítulo 4, apresentamos a conclusão do trabalho que desenvolvemos.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Introdução

Neste capítulo, discorreremos sobre as teorias que dão embasamento ao nosso trabalho. Primeiramente, apresentamos as características da Sociolingüística Laboviana, também chamada de Sociolingüística Quantitativa, imprescindível à nossa pesquisa.

Posteriormente, apresentamos um estudo das principais características da Sociolingüística Paramétrica. Em seguida, mostramos o paradigma pronominal e o pronome de segunda pessoa do singular conforme estudos realizados por Torres (1966), Cuesta e Luz (1971), Cegalla (1979), Rocha Lima (1979), Almeida (1980) e Cunha (1982).

O nosso referencial ainda apresenta textos sobre a alteração no sistema pronominal brasileiro, incluindo as visões de Tarallo (1993, 1993a) e Roberts (1993). Finalmente, apresentamos alguns estudos sobre a alternância na escolha dos pronomes “tu” e “você”.

1.2 A Sociolingüística Laboviana

A Sociolingüística Laboviana, também chamada de Sociolingüística Quantitativa ou Teoria da Variação Lingüística, trata da relação entre língua e sociedade, analisa a fala em contextos sociais diferenciados e estuda as características da sociedade que possam interferir nessa fala.

Desenvolvida por Labov, essa teoria analisa continuamente, em situações concretas, a língua falada, que é, por sua vez, naturalmente variada. E, segundo Labov (1982), o falante ao tentar se comunicar está inserido em uma determinada situação, possui um estilo, pertence a um grupo social. Tais características o fazem diferenciar-se de um outro falante com outras características. Desse modo, a língua é heterogênea, variada, pois,

the normal condition of the speech community is a heterogeneous one: we can expect to find a wide range of variants, styles, dialects, and languages used by members. Moreover, this heterogeneity is an integral part of the linguistic economy of the community, necessary to satisfy the linguistic demands of every-day life (LABOV, 1982, p. 17).⁶

A fala é caracterizada como variada, heterogênea, e para a Teoria da Variação, essa diversificação é o propósito de análise, pois o “o objeto da descrição lingüística é a gramática da fala da comunidade: o sistema de comunicação usado na interação social.”(LABOV, 1982, p. 18, tradução nossa)⁷. Com isso, “o modelo teórico-metodológico da Sociolingüística parte do objeto bruto, não polido [...], o objeto – o fato lingüístico.” (TARALLO, 1985, p. 18).

A fala é descrita a partir da heterogeneidade encontrada na comunidade em que essa língua interage e, ao aceitar a língua como heterogênea, a Sociolingüística Laboviana se contrapõe ao modelo estrutural saussuriano calcado na homogeneidade lingüística.

Segundo Labov (1972), para Saussure, a língua é dicotômica e composta pelo social com a *langue* e a *parole*. A *langue* era para Saussure o sistema, o componente social da linguagem e a *parole*, o componente individual. E, embora considerada como resultante do aspecto social, a língua não era analisada sob o ponto de vista de sua heterogeneidade, pois, de acordo com o autor, na visão saussuriana, “as explicações

⁶ A condição normal para a fala de uma comunidade é a heterogeneidade: esperamos encontrar uma grande quantidade de variantes, estilos, dialetos e línguas usadas por seus membros. Além disso, essa heterogeneidade é parte integrante da economia lingüística da comunidade, necessária para satisfazer a demanda lingüística diária (LABOV, 1982, p. 17, tradução nossa).

⁷ the object of linguistic description is the grammar of the speech community: the system of communication used in social interaction (Ibidem, p. 18).

sobre os fatos lingüísticos se dão em função de outros fatos lingüísticos e não de dados externos no comportamento social.”(LABOV, 1972, p. 185, tradução nossa)⁸.

É nessa perspectiva que a Teoria Saussuriana baseava seu estudo da linguagem, em dados não encontrados na fala da coletividade lingüística, mas nos dados do próprio estudioso ou nos de um ou de outro informante, ou seja, em dados homogêneos. Segundo Labov (1972, p. 185, tradução nossa) “os lingüistas que trabalham dentro da tradição saussuriana não lidam com a vida social: eles trabalham com um ou dois informantes nos seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de *langue*.”⁹

Assim, o autor ressalta que a teoria de Saussure apresenta um paradoxo, pois, como é possível estudar o aspecto social da língua por meio de um ou dois indivíduos, se isso é possível apenas com uma quantidade de dados de informantes que descrevem a fala da coletividade? Por meio de tais constatações, é possível perceber que, segundo Labov (1972, p. 186, tradução nossa), a “ciência da *parole* nunca se desenvolveu, embora os estudos da *langue* tenham tido êxito na metade do século passado.”¹⁰

Além dos estudos saussurianos, o gerativismo de Chomsky também aborda o aspecto da homogeneidade da língua. Para ele, o estudo da língua está dicotomizado em “competência” e “desempenho”. De acordo com Chomsky (1965 apud LABOV, 1972, p. 186, tradução nossa) a “competência” é “o conhecimento abstrato das regras da língua.”¹¹ E o “desempenho” a “seleção e execução das regras.”¹² Assim, para Chomsky, o estudo da língua deve ter como foco a “competência”, isto é, as regras da língua. Para Chomsky, então, a teoria sobre os estudos da língua deve assim se resumir:

- a) o comportamento lingüístico é uniforme e homogêneo;

⁸ explanations of linguistics facts be drawn from other linguistic facts, not from any ‘external data’ on social behavior (LABOV, 1972, p. 185).

⁹ The linguists who work within the Saussurian tradition do not deal with social life at all: they work with one or two informants in their offices, or examine their own knowledge of langue (Ibid., p. 185).

¹⁰ The science of *parole* never developed, but this approach to the science of *langue* has been extremely successful over the past half-century (Ibidem, p. 186).

¹¹ The abstract knowledge of rules of the language (Ibid., loc.cit.).

¹² Selection and execution os theses rules (Ibidem, loc.cit.).

- b) falantes de uma língua têm acesso às suas intuições acerca da *langue* ou competência.

Diferentemente de Labov, Chomsky não acredita na importância da heterogeneidade lingüística, pois segundo Weinreich *et al.* (1968, p. 125, tradução nossa) Chomsky declara que “a diversidade é teoricamente irrelevante.”¹³ Desse modo, de acordo com as assertivas de Labov (1972), observamos que o estudo “social” da linguagem de Saussure não é apresentado por meio de dados externos ao sistema.

E, em Chomsky, o estudo “social” também é abstrato, baseado em um indivíduo que possui uma competência e uma fala parecida com o do outro, portanto, homogênea. Além disso, Chomsky, segundo Labov (1972, p. 186, tradução nossa) “insiste que o dado lingüístico, para ser estudado, não é completo pelo indivíduo, mas por intuições acerca da língua.”¹⁴ Dessa forma, a teoria de Chomsky não contempla a valorização da diversidade lingüística, pois, segundo Labov (1972, p. 187, tradução nossa), nos estudos de Chomsky, “a ciência da língua tem sido definida de forma a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala.”¹⁵

Chomsky, ao adotar um sistema baseado em uma estrutura ideal, abstrata e não social, não concreta, opõe-se a uma característica essencial na Teoria da Variação Lingüística, a fala heterogênea em meio às inúmeras interferências externas, pois, a homogeneidade é contrária ao conceito natural de língua. À medida que a fala é utilizada, há uma natural diversidade e é nesta heterogeneidade que a Sociolingüística se baseia. Weinreich *et al.* (1968, p.187) afirmam que

The association between structure and homogeneity is an illusion. Linguistic structure includes the orderly differentiation of speakers and styles through rules which govern variation in the speech community; native command of the language includes the control of such heterogeneous structures.¹⁶

¹³ diversity to be theoretically irrelevant (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 125), doravante (WLH).

¹⁴ Insists that the data of linguistics is not the utterance by the individual to be studied, but the intuitions about language (LABOV, 1972, p. 186).

¹⁵ Linguistic has been defined in such a way as to exclude the study of social behavior or the study speech (Ibidem, p. 187).

¹⁶ A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura lingüística inclui as diferenças metódicas dos falantes e estilos através de regras governadas pela variação na fala da comunidade; o

O objeto da Sociolingüística Laboviana é o estudo da fala e de sua variação. Quando falamos em língua falada, entendemos como “veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face-a-face.” (TARALLO, 1985, p. 19). Na verdade, a língua falada é o Vernáculo, e o objeto de estudo da Teoria da Variação é o Vernáculo. Este último é “o estilo em que o mínimo de atenção é dada à monitoração da fala” (LABOV, 1972, p. 208, tradução nossa)¹⁷, isto é, uma fala em que o locutor não observa o seu próprio discurso, fala em que se sente à vontade e utiliza a comunicação naturalmente.

A Teoria da Variação adota uma quantidade de dados (por isso Sociolingüística Quantitativa), e opera “com números e tratamentos estatísticos dos dados coletados” (TARALLO, 1985, p. 8), sistematizando a variação. É por meio de análises baseadas em uma quantidade de dados lingüísticos, no dado bruto em detrimento de regras e teorias, que o pesquisador tem a oportunidade de organizar de forma sistemática o uso das diversas “maneiras de se dizer a mesma coisa” (TARALLO, 1985, p. 5), ou seja, da variante.

Nesse trabalho de sistematização da descrição da fala, a análise deve realizar principalmente, segundo Tarallo (1985, p. 10), “um levantamento exaustivo de dados de língua falada; descrição detalhada da variável e análise de possíveis fatores condicionadores.”

Primeiro, o pesquisador deve recolher uma quantidade de dados por meio de entrevistas gravadas, com a preocupação de neutralizar a presença do gravador, esta atitude é realizada por meio do uso de um roteiro de perguntas que contribua para que o entrevistado se sinta à vontade.

Segundo, após a coleta dos dados, a descrição da fala acompanhando o perfil do que é pesquisado, das variantes a serem analisadas. Por último, analisar quais os fatores que favorecem seu aparecimento, sejam eles lingüísticos (características dentro da língua) ou não-lingüísticos (como classe social, sexo, região geográfica), pois, “é somente através de fatores lingüísticos e não lingüísticos que você chegará a um

comando nativo da língua inclui o controle de tais estruturas heterogêneas (WLH, 1968, p. 187, tradução nossa).

¹⁷ the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech (LABOV, 1972, p. 208).

melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída.” (TARALLO, 1985, p. 62).

Ao observar o favorecimento de um fator condicionador e não de outro, há as observações de possibilidades, de probabilidades, característica da Teoria da Variação, como afirma Tarallo (1985, p. 11), “um sistema lingüístico de probabilidades.” E ao finalizar a pesquisa, o analista laboviano, perceberá qual a projeção da variável no sistema lingüístico, pois “a língua falada é [...] um sistema variável de regras.” (TARALLO, 1985, p. 57).

1.3 A Sociolingüística Paramétrica

Tarallo e Kato (1989) aliam os estudos da Teoria da Variação com os conhecimentos da Teoria de Princípios e Parâmetros e propõem a Sociolingüística Paramétrica. Para eles, esse novo caminho pode trazer contribuições relevantes para as teorias de Chomsky e de Labov, deixando de lado impasses teóricos que existiam e

resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro (TARALLO; KATO, 1989, p. 5).

Esse novo caminho proposto pela Sociolingüística Paramétrica relaciona o aspecto intra-lingüístico da Teoria da Variação e o aspecto inter-lingüístico da Sintaxe Gerativa, possibilitando um equilíbrio entre ambas, uma conjugação entre as duas correntes. Desse modo, conforme Tarallo e Kato, de posse dos resultados dentro de uma língua é possível prever, identificar uma possível mudança em termos paramétricos, entre outras línguas.

Há, portanto, uma possibilidade de equilíbrio entre a Sintaxe Gerativa e a Teoria da Variação, e, ao propor essa harmonia entre as propriedades da teoria de Chomsky e das probabilidades variacionistas há a possibilidade de resultados mais claros e precisos, pois

aquele que trabalha com variação intra-lingüística está interessado em projetar, antecipar e afiançar resultados cujo valor exceda os limites do intra-lingüístico para o universo do inter-lingüístico (TARALLO; KATO, 1989, p. 7).

E para comprovar o alcance da Sociolingüística Paramétrica, os autores utilizaram-se de algumas análises que demonstram que a conjugação dos estudos intra-lingüísticos aos inter-lingüísticos. Nessa perspectiva, eles apresentam, inicialmente, a análise de Sankoff e Tarallo (1987) sobre o Tok Pisin e o Português Brasileiro.

Os estudiosos perceberam que se tratam de duas línguas distantes quanto às suas características gerais, mas semelhantes quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não relativas. Assim a comparação do Tok Pisin com o PB demonstrou que a característica intra-lingüística pode definir ou esclarecer o inter-lingüístico, ou seja, a característica dessas línguas em possuir o uso da cópia pronominal em orações relativas e não relativas ajuda na compreensão do processo lingüístico de cada língua. Por isso,

Independentemente de laços genealógicos de natureza histórica e/ou geográfica, de tempo e de espaço, as línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática, revelando movimentos sincronizados e espelhados aos quais gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas (TARALLO; KATO, 1989, p. 8).

A seguir, nas análises de Hochberg (1986), estuda-se o uso freqüente do pronome de segunda pessoa do singular na fala de Porto Rico. Segundo ele, há uma freqüente ocorrência do pronome de segunda pessoa, que é, por sua vez, associada ao processo de erosão das consoantes finais verbais. E essa ausência de flexões verbais é que provocaria o maior preenchimento do sujeito. Esse fenômeno está relacionado a outro pertencente à mesma gramática, pois, segundo Tarallo e Kato (1989, p. 9), “significa que AGR¹⁸ deixou de ser sujeito no dialeto porto-riquenho e que tal sistema tende a deixar de exibir a primeira propriedade do parâmetro de sujeito nulo.”

¹⁸ Concordância.

Hochberg mostra que a concordância do verbo deixou de apresentar a referência ao sujeito no dialeto de Porto Rico, ou seja, o verbo era utilizado na segunda pessoa do singular, não necessitando assim de explicitação do sujeito, visto que a concordância do verbo já o caracterizaria.

No entanto, com a perda da concordância, o verbo apresentado na terceira pessoa do singular e, referindo-se à segunda pessoa do discurso, fez com que os falantes explicitassem o sujeito, o que reflete a característica de os falantes de Porto Rico deixarem de exibir o parâmetro *pro-drop*, isto é, o parâmetro de sujeito nulo, e preencherem o sujeito. E assim também Kato e Tarallo (1986 *apud* TARALLO; KATO, 1989, p. 9) demonstram que essa tendência é seguida pelo PB, pois

Kato e Tarallo, em artigo anterior (1986), demonstram que a tendência do português do Brasil de perder as propriedades do Parâmetro do sujeito nulo também se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substitutivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas inderteminadoras da linguagem, substitutivas do moribundo SE.

O último caso em que a Sociolingüística Paramétrica demonstra o seu alcance, refere-se à questão das línguas em contato, essa contribuição é maior porque há um encontro das duas variações intra- e inter-lingüística. Na região de fronteira, segundo Tarallo e Kato (1989, p. 10)

O português de fronteira é sensivelmente mais solto que o da costa e obedece, no condicionamento da inversão do sujeito, precisamente a mesma organização sistêmica do espanhol americano, permitindo inclusive a ordem OVS¹⁹, inexistente no português falado na costa.

A característica intra-lingüística do espanhol americano em ter a ordem OVS incidiu sobre a característica intra-lingüística em termos no PB a ordem SVO²⁰, assim o português de fronteira, com as línguas em contato, muda seu parâmetro para a ordem OVS.

Ainda com relação à ordem e à possibilidade do sujeito na oração, conforme abordada por Tarallo e Kato (1989), há a ocorrência do fenômeno de inversão livre em

¹⁹ Ordem objeto, verbo, sujeito.

²⁰ Ordem sujeito, verbo, objeto.

algumas línguas que explicam como se comporta essa modalidade. Rizzi (1982, p. 117 *apud* TARALLO, KATO, 1989, p. 13) afirma que no italiano

It has been shown in recent work that other properties systematically correlate with the null subject property: first of all null subject languages generally have a free process of subject inversion, while non-null-subject languages generally do not.²¹

Rizzi (1982) afirma que o italiano possui a propriedade de inversão livre em línguas de sujeito nulo, conforme (5):

(5) Ha telefonato Gianni.²²

O exemplo acima apresenta a ordem VS, uma língua de sujeito nulo com livre inversão do sujeito. No espanhol, Torrego (1984, p. 103 *apud* TARALLO; KATO, 1989, p. 13-14, tradução nossa) afirma que “línguas de sujeito nulo, tais como o italiano e o espanhol devem ter pronomes foneticamente não realizados como sujeito [...]. Essa é uma característica dessas línguas que exibem a livre inversão do sujeito.”²³ Conforme exemplo (6):

(6) No hablo portugues.²⁴

No exemplo (6) para a língua espanhola, a não realização fonética do pronome é provocada pela inversão livre que em línguas como o espanhol, implicam na localização pós-verbal e parâmetro *pro-drop* e, nesse caso, na presença implícita do pronome já que o espanhol é uma língua *pro-drop*. Esse mesmo fenômeno é presente no italiano, como no exemplo (7) abaixo.

²¹ Tem sido demonstrado em trabalho recente que outras propriedades se relacionam sistematicamente com a propriedade de sujeito nulo: primeiro, as línguas de sujeito nulo geralmente possuem o processo de inversão livre do sujeito, enquanto as línguas de sujeito preenchido geralmente não o tem (RIZZI, 1982, p. 117 *apud* TARALLO, KATO, 1989, tradução nossa).

²² Exemplo retirado de Rizzi (*Ibid.*, loc.cit.).

²³ Null subject languages, such as Italian and Spanish may have a phonetically unrealized pronoun as subject [...]. It is characteristic of these languages to exhibit free subject inversion (TORREGO, 1984 *apud* TARALLO, KATO, 1989).

²⁴ Exemplo extraído de Tarallo e Kato (1989, p. 14).

(7) Ho trovato il libro.²⁵

Para o catalão, há o mesmo fenômeno que no italiano e espanhol, pois segundo Picallo (1984, p. 75 apud TARALLO, KATO, 1989, p. 14, tradução nossa) “o catalão, sendo uma língua de sujeito nulo, mostra todas as propriedades comumente associadas a línguas do tipo: livre inversão do sujeito, sujeito nulo.”²⁶ Na tabela abaixo de Tarallo e Kato (1989) há a correlação entre línguas diferenciadas, sujeito e a propriedade de inversão livre:

Tabela 1 – Sujeito Nulo

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE
italiano (e espanhol)	+	+
português	+	-
trentino	-	+
francês	-	-

Fonte: TARALLO; KATO (1989, p. 15).

Nessa tabela, o italiano, o espanhol e o português são apresentados como línguas de sujeito nulo. O trentino que é, segundo Tarallo e Kato (1989), um dialeto do italiano, não possui sujeito nulo, assim como o francês. O fenômeno de inversão livre também é diversificado nessas línguas, e o que se pode definir, desse modo, é que a propriedade de inversão livre é uma característica de línguas de sujeito nulo, conforme analisaram os autores.

Nessa perspectiva, os estudos lingüísticos realizados por Rizzi (1982), Torrego (1984) e Picallo (1984) possibilitaram a Tarallo e Kato (1989) comprovar o alcance da Sociolingüística Paramétrica, pois mostraram características inter-lingüísticas do parâmetro de sujeito que incidem sobre resultados nos estudos intra-lingüísticos. Como

²⁵ Exemplo de Rizzi (1982, p. 117 apud TARALLO, KATO, 1989, p. 13).

²⁶ Catalan, being a null subject language, shows all the properties commonly associated with languages of this type: free inversion of the subject, missing subject (PICALLO, 1984 apud TARALLO, KATO, 1989).

vimos, a Sociolingüística Paramétrica é uma conjugação entre resultados intra-lingüísticos e inter-lingüísticos que podem ser úteis ao realinhamento de propriedades.

1.4 A Visão da Gramática Tradicional

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, o paradigma pronominal do Português, com base nas gramáticas de Torres (1966), Cuesta e Luz (1971), Cegalla (1979), Rocha Lima (1979), Almeida (1980) e Cunha (1982).

1.4.1 O Português Europeu

Para o Português Europeu, na caracterização do paradigma pronominal, utilizaremos as gramáticas de Torres (1966) e Cuesta e Luz (1971). E de acordo com a gramática de Torres (1966), o paradigma pronominal está caracterizado conforme quadro a seguir

PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES RETOS	PRONOMES OBLÍQUOS
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, migo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, tigo
3ª pessoa do singular	ele	se, si, sigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, nosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, vosco
3ª pessoa do plural	eles	se, si, sigo, lhes, os, as.

Quadro 1 – Quadro dos Pronomes Pessoais²⁷

Fonte: TORRES (1966, p. 81).

No quadro dos pronomes pessoais, a segunda pessoa é caracterizada pelo pronome “tu” com co-referentes de segunda pessoa “te”, “ti” e “tigo”. Segundo Torres (1966, p. 82) “as formas ‘migo’, ‘tigo’, ‘sigo’, ‘nosco’ e ‘vosco’ só se usam precedidas da preposição ‘com’, a elas reunida: ‘comigo’, ‘contigo’, ‘consigo’, ‘conosco’, ‘convosco’.”

Com relação aos co-referentes “teu” e “seu”, são classificados pelo autor como pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa, conforme tabela abaixo:

Tabela 2 – Os Possessivos²⁸

	Singular
1ª pessoa	<i>Meu, minha</i>
2ª pessoa	<i>Teu, tua</i>
3ª pessoa	<i>Seu, sua</i>

Fonte: TORRES (1966, p. 84).

²⁷ Modificado.

²⁸ Modificada.

De acordo com Cuesta e Luz (1971, p. 397) “os possessivos de terceira pessoa empregam-se também para a segunda pessoa com todos os tratamentos que o verbo na terceira pessoa exige.” As autoras ainda afirmam que o possessivo “seu” possui uma dupla função, como possessivo de terceira pessoa e de segunda pessoa de cortesia. E com relação ao emprego do pronome pessoal, Cuesta e Luz (1971, p. 481) explicam que

a língua portuguesa faz pouco uso do pronome pessoal sujeito pelo facto de apresentar, tal como o espanhol, as desinências pessoais do verbo bastante diferenciadas, de modo que a omissão do pronome não determina ambigüidade.

Para a utilização dos pronomes de segunda pessoa do singular, as estudiosas explicam usos diversificados. O pronome “tu” para elas, é utilizado no trato familiar quando uma pessoa mais velha se dirige a uma mais nova, não admitindo seu uso quando um mais novo se dirige a um mais velho:

o “tu”, tratamento íntimo entre iguais, mal sai do âmbito familiar, utilizando-se apenas, dentro deste, entre pessoas da mesma idade, ou por parte dos indivíduos mais velhos ao dirigirem-se aos mais novos. Assim, enquanto os pais tratam os filhos por “tu”, os avós os netos, os padrinhos os afilhados e os tios os sobrinhos, a maior parte deles não admite o tuteio²⁹ e devem ser tratados na terceira pessoa com menção à palavra que indica o grau de parentesco: “o pai”, “a mãe”, “o avô” (CUESTA; LUZ, 1971, p. 482-483).

O pronome “tu” também é o pronome mais seleccionado entre oficiais do exército em Portugal, por amigos e pelos patrões em relação aos criados. Cuesta e Luz (1971, p. 483) afirmam que “no exército, os oficiais tuteiam os soldados, e é costume nalgumas casas tratar-se a criadagem por ‘tu’. Os amigos íntimos costumam também tutear-se, sobretudo quando são do mesmo sexo e se trata de amizades de infância.”

Desse modo, o “tu” em Portugal, é usado por uma pessoa mais velha a uma mais nova, entre pessoas de mesma idade, entre hierarquias, de um patrão ao empregado e entre amigos. O “tu” não é usado pelos mais novos ao se dirigirem aos

²⁹ Uso do pronome “tu”.

mais velhos e nem pelos empregados ao falarem com os patrões, pois é selecionado quando o trato é íntimo.

Cuesta e Luz (1971, p. 484) explicam que há uma separação de trato familiar e formal, pois, segundo elas “tratamento de segunda pessoa intermediário entre familiar [é o pronome] ‘tu’ e o cerimonioso [é o pronome] ‘vós’.” Contudo, as autoras explicam que

o pronome pessoal da segunda pessoa do plural “vós” desapareceu quase por completo da linguagem moderna. Durante muito tempo foi, tal como em espanhol, utilizado por delicadeza para a segunda pessoa do singular, e os poetas clássicos dirigiam-se às suas musas tratando-as por “Vós”. Pouco a pouco foi, contudo, perdendo terreno como forma de tratamento respeitosa, sendo substituído pela terceira pessoa do singular. No seu sentido próprio, “vós” mal se emprega em Portugal, excepto nalgumas zonas arcaizantes do Norte do país. O plural actual de “tu” é “vocês”, ou simplesmente o verbo na terceira pessoa do plural (CUESTA; LUZ, 1971, p. 487-488).

Há, conforme as autoras, uma mudança de paradigma pronominal que caracteriza não apenas um novo uso lingüístico da sentença, mas uma mudança também de tratamento do interlocutor, pois,

a substituição de “tu” pela 3ª pes. do sig. num dado momento, como maneira de marcar a distância entre aquele que fala e o seu interlocutor, de suprimir subitamente da conversação todo o matiz afectivo, dá-se, tal como em espanhol, em casos de irritação ou de enfado. Assim, poder-se-á dizer a um menino travesso: “quieto, ouviu?” (CUESTA; LUZ, 1971, p. 484).

Com relação ao pronome “você” em Portugal, Cuesta e Luz (1971, p. 483) afirmam que

“você” (contração de “Vossa Mercê”), pela sua maior simplicidade vai dia a dia ganhando terreno. Todavia, nalguns sítios mais arcaizantes do país “você” é considerado de certo modo depreciativo, utilizando-se a forma antiga “vossemecê” com as pessoas a que se deve um pouco de respeito.

Contudo, o pronome “você” em Portugal é menos empregado, muitas vezes, devido à utilização dos pronomes reflexivos “si” e “consigo”. As autoras (1971, p. 484) explicam que para um “simples emprego, sem qualquer pron. ou nome, da 3ª pes. do

verbo, utilizando para as formas com preposição os reflexivos ‘si’ e ‘consigo’, os quais se usam [...] para evitar a repetição um tanto importuna de ‘você’.”

Para o tratamento formal, Cuesta e Luz (1971, p. 485) asseveram que para a segunda pessoa do singular, “o tratamento geral de cortesia equivalente ao ‘usted’ espanhol é em português o ‘senhor’, a ‘senhora’ com o verbo na terceira pessoa do singular.”

1.4.2 O Português Brasileiro

Para o estudo do paradigma pronominal no Português Brasileiro, utilizamos as gramáticas de Cegalla (1979), Rocha Lima (1979), Almeida (1980) e Cunha (1982).

Cegalla (1979) apresenta em sua gramática um quadro dos pronomes pessoais e oblíquos. A segunda pessoa é representada pelo pronome “tu”, assim como seus co-referentes “te”, “ti” e “contigo”. Nele, são pronomes que representam a função de sujeito e objeto:

PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES RETOS	PRONOMES OBLÍQUOS
	<i>Função Subjetiva</i>	<i>Função Objetiva</i>
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quadro 2 – Quadro dos Pronomes Pessoais

Fonte: CEGALLA (1979, p. 113).

No quadro dos pronomes pessoais e oblíquos, o autor apresenta o pronome “tu” como a segunda pessoa do singular, e “te”, “ti” e “contigo” como co-referentes de segunda pessoa.

O pronome “você”, em sua gramática, é mostrado como pronome de tratamento e ele afirma que “‘você’ é usado no trato familiar e íntimo, é a redução de ‘Vossa Mercê’.” (CEGALLA, 1979, p. 114).

Já os pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas são caracterizados como: “2ª pessoa do singular: ‘teu’, ‘tua’; 3ª pessoa do singular: ‘seu’, ‘sua’.” (CEGALLA, 1979, p. 115).

A segunda pessoa do singular, nos estudos gramaticais que utilizamos é representada pelo pronome “tu”, como vimos. Na gramática de Rocha Lima (1979), o pronome “tu” é conjugado com o verbo na segunda pessoa, pois apresenta o paradigma “am – a – S (tu).” (ROCHA LIMA, 1979, p. 99).

No entanto, segundo o autor, há a segunda pessoa que solicita um verbo em terceira pessoa, pois é observado que “há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações de terceira. Tais [como] ‘você’, ‘vocês’ (tratamento familiar), ‘o senhor’, ‘a senhora’ (tratamento cerimonioso).” (ROCHA LIMA, 1979, p. 100). Desse modo, o autor caracteriza o pronome “você” como de segunda pessoa.

Almeida (1980), explica que um pronome de segunda pessoa gramatical requer também um co-referente de segunda pessoa, como um tratamento gramatical uniforme. Pois sua assertiva relata que

é de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a ‘uniformidade de tratamento’, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratarmos o interlocutor por “vós”, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondam a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratamento for por “tu”, usaremos os oblíquos “te”, “ti”, “contigo” e os possessivos “tua”, “teu”, “teus”, “tuas” (jamais “seu”, “sua”). Se o tratarmos por “vossa senhoria”, “senhor”, “você”, diremos “o”, “a”, “lhe”, “seu”, “sua” (ALMEIDA, 1980, p. 174-175).

O autor ressalta ainda que, embora o pronome “tu” seja caracterizado como a segunda pessoa do singular, ele quase nunca é utilizado, o pronome “você” é que é empregado na maioria dos casos, conforme observamos abaixo:

no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.; “tu quer”, e consideram ríspido o “você”) quase sempre nunca tratamos por “tu” a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: “você”, “senhor”, “vossa senhoria” (V.Sª), “vossa excelência” (V.Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (seu, sua, seus, suas) (ALMEIDA, 1980, p. 180).

De acordo com a citação acima, o autor afirma que os estados do Pará, Amazonas e Rio Grande do Sul utilizam mais o pronome “tu” do que o “você”. Mas também que o Rio Grande do Sul emprega o pronome “tu” mais o verbo na terceira pessoa. O autor afirma ainda que o pronome “você” é o mais utilizado no Brasil, como pronome de tratamento e que, assim, deve usar co-referentes também de terceira pessoa gramatical.

Cunha (1982) afirma também que o pronome “você” no PB é bastante utilizado, diferentemente do que acontece no PE, e que o pronome “tu” pode-se afirmar que é pouco utilizado, com exceção de algumas regiões do Brasil, conforme evidencia o trecho abaixo:

No português europeu, a forma pronominal “tu” é de emprego geral. No português do Brasil, o seu uso restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território nacional foi ela substituída por “você”. Pode-se mesmo dizer que para a imensa maioria dos brasileiros só há dois tratamentos de 2ª pessoa realmente vivos: “você”, como forma de intimidade; “o senhor”, “a senhora”, como forma de respeito ou de cortesia (CUNHA, 1982, p. 292).

O autor afirma que os locais em que o pronome “tu” é falado ainda não foram bem delimitados, por isso acredita que houve uma total substituição pelo pronome “você”. Dessa maneira, os pronomes “tu” e “você” co-ocorrem no uso da segunda pessoa do singular no Brasil, embora as gramáticas ainda delimitem o “tu” como a segunda pessoa gramatical e o pronome “você” como a segunda pessoa do discurso e

terceira pessoa gramatical. A seguir, apresentamos estudos sobre a alteração no sistema pronominal brasileiro.

1.5 Alteração do Sistema Pronominal

1.5.1 Alteração no Sistema Pronominal do Português Europeu

Neste tópico utilizamos os estudos de Cintra (1986), Lopes (2001, 2002) e Faraco (1996) para discorrer sobre a alteração no sistema pronominal, especificamente na segunda pessoa do singular, no Português Europeu.

Cintra (1986) explica como se deu a alteração nas “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa desde o século XIII. Para ele, as formas de tratamento se davam da seguinte maneira:

- a) formas próprias de intimidade;
- b) formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam intimidade;
- c) formas chamadas <<de reverência>> - <<de cortesia>> - , por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre interlocutores. Temos assim, para o português, uma oposição a registrar entre:
 - a) “tu”;
 - b) “você”;
 - c) “V.Ex^a”, “o senhor”, etc. (CINTRA, 1986, p. 15).

Segundo ele, a mudança nas formas de tratamento começou quando o pronome “vós” já não era reconhecido como de cortesia. Por ser um pronome antes utilizado por nobres e depois pelas pessoas comuns, esse pronome extinguiu-se entre os falantes da sociedade antiga. Cintra explica que

é na consideração das modificações operadas no conjunto do sistema que temos de procurar a causa desta extrema degradação do “vós”. À rápida ampliação do campo de emprego de “Vossa Mercê”, de “Vossa Senhoria” e de “Vossa Excelência”, ou seja, ao número progressivamente maior de pessoas a quem se tornou possível aplicar estes tratamentos de cortesia, correspondeu

uma redução do campo de emprego de “vós” e da 2ª do plural, que se tornaram naturalmente só utilizáveis para pessoas que não mereciam tanta cortesia como a que a utilização daquelas formas representava. “Vós” e a 2ª pessoa plural dos verbos acabaram por ser uma maneira demasiadamente rude, rasteira, baixa, de se dirigir até mesmo a um amigo com quem não existia a intimidade que permitisse o emprego de “tu” (CINTRA, 1986, p. 30-31).

Com a degradação de “vós” e essa tendência de usos da terceira pessoa, no estudo de Cintra (1986), mostrou a característica de os falantes facilitarem o tratamento diante de um sistema rico e variado como é o caso do português. Assim o autor afirma que

a perda do tratamento de “vós” e sua substituição por um tratamento que conduzia o verbo para a 3ª pessoa foi certamente favorecida por uma tendência para simplificar, um sector em que a gramática portuguesa se apresenta particularmente complexa: a flexão verbal, extremamente rica em formas bem diferenciadas. Em vez de alternar, como até então, na alocução directa, entre formas da 2ª pessoa do plural e da 3ª do singular dos verbos, passaram-se a usar-se sempre formas pertencentes a esta última (CINTRA, 1986, p. 40).

O autor analisou o sistema pronominal em plena mudança desde o século XV. E pouco antes desse período o “Vossa Mercê” já começou a aparecer, conforme o autor,

“Vossa Mercê” [começou] a aparecer como tratamento próprio para o rei nos fins do século XIV [...] e tendo chegado, por volta de 1460, a ser o tratamento mais usual para o monarca, já deixa de poder ser empregado para ele em 1490. (Entretanto aparece-nos usado, primeiro para duques e infantes, depois para simples fidalgos, e já no início do século XVI [...] para patrões burgueses a quem se dirigem os seus criados.) (CINTRA, p. 20-21).

E o pronome “‘você’ [...] abreviatura de ‘vossa mercê’, usada por familiaridade e amizade” (CINTRA, 1986, p. 31) foi “atestada até agora pela primeira vez pouco antes de 1666.” (CINTRA, 1986, p. 27). Desse modo, é, segundo o estudioso, desde o século XVII que o então novo pronome “você” já mais evoluído tanto semanticamente quanto foneticamente invadia progressivamente o universo lingüístico da época, pois havia a expansão dos padrões lingüísticos de terceira pessoa. Cintra, resumidamente, expõe as tendências do PE:

No progressivo alargamento do campo de emprego do pronome “tu” e da 2ª pessoa do singular dos verbos, cada vez mais usuais entre jovens, tanto do

mesmo como de diversos sexos, e até entre diversas idades, o que contribui para tirar a este tratamento o caráter de intimidade propriamente dita sem, contudo, eliminar sua capacidade de reduzir a distância maior ou menor que normalmente se associa ao emprego dos tratamentos na 3ª pessoa; Numa progressiva ampliação do emprego do pronome “você” – a que raramente se atribui o matiz despectivo que ainda não há muitos anos lhe era associado com muita frequência em determinados meios; em alguns casos, e à medida que o emprego de “tu” se vai expandindo, “você” aparece adotado como tratamento afectuoso, mais íntimo do que “tu”; esta inovação poderia conduzir a um resultado semelhante ao que se encontra no Brasil, se o desaparecimento de “tu” não fosse contrariado pela atrás referida tendência a expandir este último pronome como tratamento igualitário, tendência que me parece mais forte do que aquela que acabo de registrar (CINTRA, 1986, p. 34-35).

Lopes, em pesquisa realizada sobre o processo evolutivo de “Vossa Mercê” para o pronome “você” e de “Vuestra Merced” a “usted” no espanhol, explica que “as formas nominais de tratamento sofrem um processo de especialização já nos fins do século XIV.” (LOPES, 2001, p. 106).

Nesse estudo a autora realiza uma análise sobre o uso entre os pronomes “tu” e “você” entre os séculos XVI e XIX e explica que “em 1619 ‘tu’ para as crianças e para as pessoas que [queríamos] mostrar familiaridade ou amor [era mais utilizado]”; além disso, segundo ela, “é no século XIX que ‘tu’ torna-se mais usual.” (LOPES, 2001, p. 107).

Com relação ao pronome “você”, a autora (p. 107) afirma que houve uma “ascendência de ‘você’ na passagem do século XVIII para o XIX, acompanhada também por um uso crescente de ‘tu’.” Nessa mesma pesquisa, a autora (p. 106) também afirma que o pronome “‘você’ em português perdeu completamente o valor semântico original, assumindo no português do Brasil uma forma pronominal, no singular está em plena concorrência com o ‘tu’.”

Ainda ressalta (p. 106) que “em português, o uso de “você” e variantes suplanta o emprego da forma desenvolvida somente no século XIX.” E que “é a partir do século XIX que ‘você’ começa a ocupar posições mais fixas na sentença.” (p. 107).

Nesse trabalho, a autora apresenta o pronome “tu” como a variante de segunda pessoa do singular utilizada em relações simétricas e que demonstram intimidade. Além disso, o pronome “tu” tornou-se mais utilizado no século XIX, já co-ocorrendo com o

“você”, este com valor pronominal. É também no século XIX que “você” suplanta o uso de “vossa mercê”, ocupando lugar com maior frequência na comunicação oral e escrita.

A análise de Lopes (2002) tem o objetivo de descrever o percurso histórico do pronome “a gente”. Nesse trabalho, a autora realizou uma pesquisa quantitativa com base em dados do século XIII ao século XX.

Nesse estudo sobre variação, observa-se que a segunda pessoa do singular era bastante utilizada, compondo-se basicamente de “‘tu’/‘vós’ (plano da intimidade) versus ‘vós’ (plano da cortesia ou distanciamento), como até hoje ocorre no francês, ‘tu’ e ‘vous’.” (LOPES, 2002, p. 37).

No gráfico das Formas Nominais e Pronominais em Entremezes Portugueses – séculos XVIII e XIX a seguir, mostramos que o uso de “vós” entrou em declínio no século XIX quando o pronome “você” era bastante utilizado com o pronome “tu”:

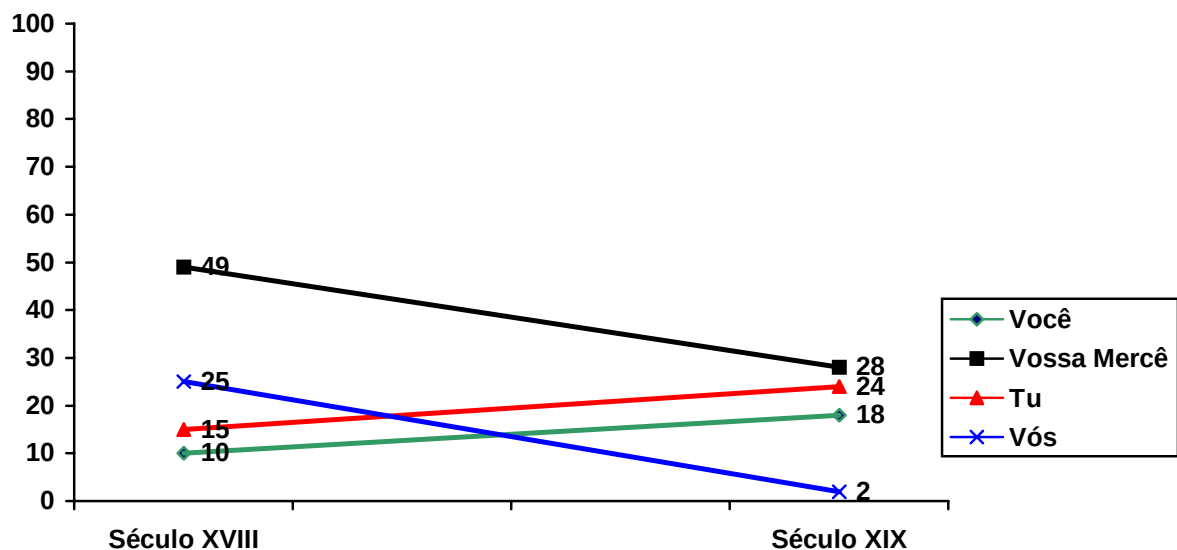


Gráfico 1 – Formas Pronominais em Entremezes Portugueses – séculos XVIII e XIX

Fonte: LOPES (2002, p. 182)

O gráfico acima apresenta a utilização pronominal do século XVIII ao XIX em Portugal. A partir dele constata-se, primeiramente, o declínio no uso do pronome “vós”

de 25 para 2 pontos percentuais, o que mostra uma quase extinção do pronome. O “vossa mercê” salta de 49% para apenas 28%. Isso se deu devido ao incremento do pronome “você” cujo emprego aumentou significativamente.

O pronome “tu” também aumenta sua frequência de emprego de 10% para 18%. Dessa maneira, a autora (p. 182) comprova que “os baixos índices de ‘vós’ do século XVIII para o XIX e a dessemantização sofrida por (vossa mercê) favoreceram o incremento no uso de ‘você’, principalmente no plural, e o de ‘tu’ no singular.” Assim, o pronome “vós” foi substituído pelo “vossa mercê”, e esse por “você”.

De acordo com esse estudo, observa-se que o pronome “tu” no século XIX era bastante utilizado para o singular e “vocês” para o plural, assim “tu” e “você” co-ocorrem no século XIX. Duarte (1993 *apud* LOPES; DUARTE, 2004, p. 5) assevera que no sistema pronominal, essa “polarização entre ‘tu’ e ‘você’ só irá se inverter por volta dos anos 30 do século XX, quando o ‘você’ passa a ser forma de tratamento preferencial entre pessoas íntimas em peças de teatro escritas no Rio de Janeiro.”

Faraco (1996) também constata o pouco emprego do pronome “vós” e a mudança que ocasionou no sistema pronominal do PB. Ele afirma que a mudança no emprego ocorreu por que

o processo de desenvolvimento de uma nova posição de autoridade ao rei (visto agora não apenas como o chefe militar dos tempos da Reconquista), transformou-o numa personagem social única, para quem a criação de formas diferenciadas de tratamento se apresentou como necessidade. A forma tradicional do tratamento formal (vós) não era mais considerada suficiente para marcar tal *status* (FARACO, 1996, p. 57-58).

A aristocracia da época não utilizou mais o pronome, pois ele se vulgarizou, conforme observamos no tópico anterior. Assim, houve as substituições de usos em segunda pessoa para terceira pessoa do singular, o que, conforme o autor foi ocasionado com a introdução do “vossa mercê” já nas línguas européias. Esse novo uso deu origem a uma mudança no sistema flexional verbal. Dessa maneira

nas línguas européias [...] as mais antigas dessas formas (Vossa Mercê/ Vuestra Merced) evoluiu ao ponto de gerar um novo pronome de segunda pessoa (você/usted) [...]. Esse fato teve diferentes repercussões no interior das gramáticas daquelas línguas. O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas

estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente o português (FARACO, 1996, p. 55).

O autor mostra a mudança de paradigma de segunda pessoa para terceira. Essa modificação, segundo ele, deu-se pela introdução do pronome “vossa mercê”. Contudo, a própria história mostra que a mudança de parâmetro social, também provoca a mudança lingüística. Houve uma supremacia da terceira pessoa aliada à vida de uma classe social emergente: a burguesia, ávida por simplificações e avessa a complicações. De acordo com Faraco (1996, p. 57) houve um

novo papel social numa sociedade que estava substituindo sua estrutura feudal por uma nova estrutura caracterizada pelo declínio do poder da velha aristocracia rural, pela ascensão de uma burguesia urbana e pela centralização de poder.

Desse modo, a língua, segundo o autor (p. 57), como “indicador das mudanças sociais” vai refletir essas mudanças entre as pessoas, de aristocratas para burgueses, provocando conseqüentemente uma mudança no tratamento lingüístico. Em termos lingüísticos, houve segundo Faraco, a “degradação” do “vós” e a ascensão do “vossa mercê”. Entretanto, assim como “vós” se extinguiu, o “vossa mercê” também se modificou, pois:

De um lado [Vossa Mercê] manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidadoso entre a pequena burguesia urbana, mas foi arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (você) estava se tornando dominante. De outro lado, a forma foi afetada por um rápido processo de simplificação fonética tornando-se os pronomes “você”/“vocês” de uso corrente hoje, em especial no português brasileiro (FARACO, 1996, p. 62).

O “vossa mercê” passou por um processo de simplificação e se reduziu à forma “você” hoje bastante utilizada no PB atual. Faraco (1996) mostrou, assim, que, na língua portuguesa, o sistema pronominal brasileiro foi alterado, devido a influências sociais que afetaram o sistema lingüístico ainda no PE.

1.5.2 Alteração no Sistema Pronominal do Português Brasileiro

Leão (2004) em seu trabalho que analisa os pronomes “tu” e “você” no português do sul do Brasil, com base em dados do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região sul do Brasil (ALERS), explica a co-ocorrência entre “tu” e “você” na atualidade, afirmando que “costuma-se descrever a forma ‘você’ como variante dominante do centro do país, apresentando a variante ‘tu’ como regionalismo fortemente associado à variedade do português gaúcho.” (LEÃO , 2004, p. 2).

Por meio de um total de 3.300 ocorrências, a autora (p. 05) em sua pesquisa constata que “nos dados do ALERS sobre o português rural da classe menos escolarizada, na Região Sul, um predomínio da ocorrência de ‘você’ no Paraná, mais próximo do centro do país, e uma ocorrência de ‘tu’, no Rio Grande do Sul.” Desse modo, verifica-se, a partir das análises de Leão, que ao se aproximar mais do centro do país, observa-se uma tendência maior pelo emprego do pronome “você”. A tabela abaixo especifica melhor a variação pronominal da segunda pessoa na região sul:

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, considerando-se a variável “localização geográfica”

VARIANTES	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
Você	50	18	23
Ø	01	42	09
Tu	14	18	59

Fonte: LEÃO (2004, p. 05).

Por meio da tabela acima é possível verificar que o pronome “você” possui um maior índice de frequência no estado do Paraná, sujeitos nulos em Santa Catarina e emprego do pronome “tu” no Rio Grande do Sul. A autora conclui que

O uso de “tu” como marca da fala riograndense, constata-se uma variação significativa que aponta para o emprego de “você” nas áreas bilíngües do Rio Grande do Sul, o que se explica pelo modo de aquisição do português por essas populações, essencialmente via escola. Por outro lado, o elevado índice de ocorrências de sujeito nulo, em Santa Catarina, reflete sua posição intermediária de transição entre a área de “você”, dominante no Paraná, e de “tu”, característico dos monolíngües lusos do Rio Grande do Sul.

Já Mattos e Silva (1995, 2003) mostra que o sistema pronominal brasileiro se alterou de forma a diminuir o número de pronomes existentes, pois “há quatro pessoas flexionais distintas e não seis como no padrão histórico e prescritivo” (MATTOS e SILVA, 1995, p. 63), conforme quadro abaixo:

	+PI (Inclusão do Falante)	-PI (Exclusão do Falante)
Sing.	eu	você, ele
Plur.	nós, a gente	vocês, eles

Quadro 3 – Pronomes Sujeitos

Fonte: MATTOS E SILVA (1995, p. 62).

Essa alteração é exemplificada abaixo:

(8) *Eu* lembro.³⁰

(9) *Você, ele, a gente* lembra.

(10) *Nós* lembramos.

(11) *Vocês, eles* lembram.

³⁰ Exemplos (8), (9), (10) e (11) retirados de Mattos e Silva (1995, p. 62).

Para aqueles que incluem o falante, os pronomes “eu”, “nós”, “a gente” e para os que excluem os pronomes “você”, “ele”, “vocês” e “eles”. A autora (p. 63) também afirma que “reduz-se [...] o paradigma pronominal sujeito e o paradigma verbal número-pessoa que deverá concordar com o sujeito”, desse modo, com as flexões reduzidas, os pronomes sujeitos deverão concordar e também diminuir, ou vice-versa, e entendemos o porquê de o sistema estar modificado, devido a essa redução, simplificação dos paradigmas.

Mattos e Silva (1995) analisa ainda o trabalho de Assis (1988) sobre o paradigma pronominal no dialeto rural mineiro. Nele, com exceção da primeira pessoa, o paradigma não faz diferenciação flexional verbal entre as pessoas, conforme se observa nos exemplos:

- (12) *Eu* alembro de todos.³¹
- (13) *A gente* precisa d'uma escola.
- (14) *Nós* pranta é mamona.
- (15) *Ele* morava in Lontra.
- (16) *Eles* tira o quarto ano.

Excluindo a primeira pessoa do singular, os outros pronomes “você”, “ele”, “a gente”, “nós”, “vocês” e “eles” combinam a um verbo na terceira pessoa do singular, como “precisa”, “pranta”, “morava” e “tira”, diferentemente ao modelo proposto por Mattos e Silva (1995) com quatro pessoas flexionais.

Mattos e Silva (2003) observa que na gramática tradicional, temos: canto, danças, joga, pulamos, estudeis, brincam. E, conforme vimos em Assis (1988), Mattos e Silva (2003, p. 305-306) afirma que

caracteriza o português brasileiro a simplificação dos paradigmas flexionais verbais, fenômeno morfofonêmico e morfossintático que está sintaticamente e semanticamente relacionado à seleção do pronome pessoal sujeito. Assim, convivem no Brasil, num extremo, o paradigma histórico pleno referente a seis pessoas (três do singular e três do plural), que é o que se encontra em textos

³¹ Exemplos (12), (13), (14), (15), (16) extraídos de Assis (1988 *apud* MATTOS E SILVA, 1995, p. 63).

literários e que por isso continua a ser apresentado nas gramáticas escolares a ser ensinado [...] e, no outro extremo, o paradigma de se reduz à oposição entre a primeira pessoa e as outras, sem distinção número-pessoal (MATTOS E SILVA, 2003, p. 305-306).

1.5.3 A Visão de Tarallo

Segundo Tarallo (1993a, p. 70), “o perfil da nossa gramática brasileira (no sentido de gramática normativa) tem sido ditado pela tradição portuguesa e só esse fato torna o vácuo entre língua oral e escrita muito [...] profundo no Brasil.” E a alteração no paradigma pronominal, assim como no sistema flexional verbal, segundo ele, foi uma das grandes mudanças sintáticas no século XX. Para ele, o Vernáculo do Brasil usa estratégias de pronominalização diferentes daquelas apresentadas nas gramáticas tradicionais, pois:

o paradigma pronominal [...] no PB moderno não é o mesmo encontrado nas gramáticas do português padrão. Os dados históricos coletados [...] abrangendo a gramática do PB nos últimos 250 anos mostraram que a reorganização foi maciça (TARALLO, 1993, p. 48).

A reorganização no sistema pronominal é evidenciada nos estudos de Tarallo (1993) em decorrência da mudança de parâmetro no PB, de um lado os sujeitos nulos no português antigo e, de outro os preenchidos no PB moderno.

É importante observar que “por volta de 1880, acontece uma mudança no sistema pronominal segundo a qual a frequência de retenção começa a decrescer [...] enquanto a percentagem para sujeitos começa a crescer.” (TARALLO, 1993a, p. 84).

A tabela sobre o Uso Pronominal em Três Tipos de Constituintes em Cláusulas entre 1725 e 1982 no PB de Tarallo (1993) mostra o aumento do uso dos sujeitos lexicais:

Tabela 4 – Uso Pronominal em Três Tipos de Constituintes em Cláusulas
Matrizes entre 1725 e 1982 no PB.

Datas	Sujeitos		Objetos Diretos		PPs	
	%	N	%	N	%	N
1725	23.3%	120	89,2%	93	96.5%	87
1775	26.6%	154	96,2%	53	98,9%	94
1825	16,4%	152	83,7%	43	91,3%	104
1875	32,7%	174	60,2%	98	72,9%	148
1982	65,6%	780	18,2%	396	44,8%	366

Fonte: TARALLO (1993, p. 48).

Na tabela acima, no ano de 1725 havia um percentual de 23,3%, e em 1982 de 65,6% de emprego de sujeito. O emprego do objeto em 1725 era de 89,2% para 18,2% em 1982, uma mudança clara de percentuais que evidencia uma modificação na estrutura da língua portuguesa, ou seja, uma língua de sujeitos nulos que muda para sujeitos preenchidos caminhando de língua *pro-drop* para não *pro-drop*. O autor (1993, p. 51) afirma por meio dos resultados de sua tabela que “o falante do PB muito provavelmente reteria uma forma pronominal na posição de sujeito e apagaria o objeto.” Vejamos o exemplo abaixo:

(17) Sim, *e/le* viu. (Sujeito preenchido/objeto vazio = PB).³²

O exemplo acima evidencia o sujeito preenchido “ele” e um objeto vazio. Esse “crescimento de sujeitos lexicais [...] em relação à modalidade brasileira [caracteriza] um sistema em fase de transição de língua ‘pro-drop’ para ‘não-pro-drop’.” (TARALLO, 1993a, p. 89).

Dessa forma, com a mudança de parâmetro de sujeitos nulos (pro-drop) para sujeitos preenchidos (não-pro-drop), o PB sofre alterações, uma delas no sistema pronominal. Ou melhor, há uma grande utilização das terceiras pessoas verbais, mesmo para a escolha da segunda pronominal.

³² Exemplo retirado de Tarallo (1993, p. 51).

Assim surgiu a necessidade de preenchimento do sujeito, tornando o PB uma língua menos *pro-drop*, é o que se verifica com a motivação independente para o processo de não apagamento do sujeito que está ocorrendo no PB. Isto evidencia o que explicava Mattos e Silva (2003) quando compartilhava da opinião de Assis (1988) ao explicar que as flexões verbais se dividiam entre a flexão da primeira pessoa verbal e as outras em terceira pessoa.

1.5.4 A Visão de Roberts

Roberts (1993) estuda o Português Brasileiro por meio de uma análise das línguas românicas. E, para entendermos a alteração no sistema pronominal na opinião do autor, é necessário percebermos que o português brasileiro apresenta uma crescente mudança no parâmetro *pro-drop* - a mudança no uso de sujeitos nulos para sujeitos lexicalmente preenchidos.

Para ele, a redução da flexão verbal ocasionaria uma redução dos sujeitos nulos e preenchimento desses sujeitos. Dessa maneira, a pessoa inserida na fala seria mencionada: “parece que o enfraquecimento da morfologia está diretamente relacionado ao decréscimo de ocorrências de sujeitos nulos”, diria Roberts (1993, p. 414).

Ou melhor, a concordância do verbo explicita a pessoa da conversação que está sendo referida na fala. Com a não flexão, ou seja, com a grande utilização da terceira pessoa flexional do verbo para os casos de segunda pessoa do singular, houve uma descaracterização que traz uma dúvida sobre qual pessoa estaria relacionada no processo de comunicação e, assim o sujeito preenchido supre essa “necessidade”.

O autor (p. 415) esclarece que “o sistema pronominal foi reorganizado de tal forma que as formas verbais de 3ª pessoa do singular de outrora são agora usadas para a 2ª do singular e do plural.” Ele explica, assim, que o PB depende de um sistema flexional “rico”, mas se essas flexões não são evidenciadas, para licenciar a pessoa

referida na comunicação, os sujeitos tornam-se necessariamente preenchidos e os nulos entram em erosão.

O uso generalizado da terceira pessoa do singular é reflexo de que um “sistema ‘defectivo’ é parte natural do processo de perda de sujeitos nulos.” (ROBERTS, 1993, p. 415). Dessa maneira, o autor relaciona a perda do parâmetro *pro-drop* a um sistema “defeituoso”, ou melhor, um sistema que se desenvolve e perde algumas características, como se a perda das flexões verbais na fala fosse um “defeito” que causa o preenchimento dos sujeitos.

Para apresentar a perda do parâmetro *pro-drop*, Roberts (1993) define a presença de sujeito como traço “inovador” e sua ausência, “conservador”. No dizer de Roberts (1993) as línguas românicas, incluindo o PB, eram caracterizadas por regências ricas, no entanto, o PB adotou a inovação por meio da perda da atribuição dos sujeitos pela regência:

A perda da atribuição de nominativo, sob regência é uma marca geral das línguas românicas. Nesse sentido, é interessante notar que o português europeu parece ter o valor românico “conservador” para esse parâmetro, enquanto que o PB, [...] adotou o valor “inovador” (ROBERTS, 1993, p. 417).

O PB é inovador por ter seus sujeitos preenchidos, contudo observa-se que, na Tabela 4 (p. 45), houve um “decréscimo enorme na frequência de sujeitos nulos entre 1725 e 1982.” (ROBERTS, 1993, p. 414). Assim, Roberts (1993) explica que o sistema pronominal brasileiro é alterado em decorrência de um sistema flexional defeituoso.

Tarallo (1993, 1993a) e Roberts (1993) convergem para a mesma opinião à medida que observam a crescente perda do parâmetro *pro-drop*, conforme também foi abordado anteriormente no estudo da alteração do sistema pronominal.

1.6 Alternância entre “Tu” e “Você”

Menon (1995) analisa o sistema pronominal do Português do Brasil e, Menon (2000) apresenta uma análise da co-ocorrência entre “tu” e “você” por meio de um *corpus* escrito “Vinhas de Ira”.

Segundo a autora (1995, p. 92), “embora o uso de ‘você’ seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda subsistem áreas, mais ou menos definidas, onde a vitalidade do uso de ‘tu’ é característica do(s) dialeto(s).” O pronome “tu” se caracteriza como um traço regional, e o uso do pronome “você” explicita uma tendência do PB em simplificar. E essa mudança no PB em possuir simplificações, mesmo em

regiões (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, algumas áreas do Norte e do Nordeste, ainda não bem delimitadas), pode-se observar um fenômeno interessante do ponto de vista da variação lingüística: há casos de uso do pronome “tu” seguido do verbo “sem a marca de segunda pessoa” [...] que consiste em dizer que o verbo está na terceira pessoa. (MENON, 1995, p. 96).

Menon (1995, p. 96) explica que no sistema pronominal,

com a introdução de uma nova forma para as segundas pessoas, o paradigma verbal também sofreu modificações. Isso é resultado da contínua (im)perfeição do sistema lingüístico: uma modificação em alguma parte do sistema sempre acarreta modificações em outra(s) parte(s).

A autora mostra também que a seleção de qual variante de segunda pessoa será utilizada depende, em muitos casos, do dialeto do falante. Segundo ela,

os falantes “interiorizam” a forma verbal com morfema Ø como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível da escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre os pronomes possíveis: “tu” e “você” (MENON, 1995, p. 97).

É o que também afirma a autora, quando estuda o pronome de segunda pessoa no Rio Grande do Sul. Assim, além de ser uma característica regional, a tendência de simplificação impulsiona o uso de verbos em terceira pessoa:

mesmo que “você” esteja em uso, a ocorrência de dados de “tu” [...] poderia estar se realizando [...] a uma tendência possível no PB: a manutenção lexical do pronome “tu”, como marcador de uma identidade e de valores regionais [...], mas perdendo (ou abandonando), morfológicamente, a marca verbal de 2ª pessoa. Um fator que poderia estar cooperando nesse sentido é a tendência, já apontada por inúmeros estudos, em direção de um maior preenchimento do pronome sujeito, apesar de algumas formas verbais serem bem marcadas (MENON, 2000, p. 159).

Menon apresenta o “tu” como traço regional, mas também como uma tendência do PB em marcar o sujeito em função da perda dos traços de segunda pessoa do verbo. Dessa maneira, o PB se caracteriza pelas variações regionais e é influenciado pela modificação no sistema pronominal, ou seja, a língua brasileira passou a simplificar as flexões verbais, emprego da terceira pessoa, com isso, os sujeitos foram preenchidos.

Um outro fator que faz o pronome “tu” ser utilizado juntamente com um verbo em terceira pessoa é mostrado no trabalho de Amaral (1982) e citado por Menon (2000, p. 132). Para Amaral, o “tu” tem valor puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3ª pessoa: ‘tu bem sabia’, ‘tu vai’, ‘tu disse’.

Menon (2000) analisa o pronome “tu” como traço regional, pois verifica quais localidades ainda o apresentam. E averigua que não há a presença do uso do pronome “tu” em Curitiba e que, em Porto Alegre e Florianópolis aparecem os dois pronomes, mas com distribuições diferenciadas.

Além disso, o fenômeno da variação na concordância com o pronome “tu” está mais adiantado em Porto Alegre que em Florianópolis; as análises sobre a segunda pessoa em Belém do Pará, concluem pela preferência de “tu” (49,13%) como forma de filhos se dirigirem aos pais. No caso dos pais se dirigirem aos filhos, o resultado se divide entre “tu” e “você”: o percentual de “tu”, contudo, é bem mais alto (76,84%) que o de “você” (23,16%).

Quanto à idade, são as crianças mais novas (8 a 10 anos), filhas de professores, que utilizam mais o “tu”; esse também é o pronome mais usado no grupo de professores, que teria mais relações simétricas entre pais e filhos, do que entre o grupo de funcionários e seus filhos; pode-se aceitar a afirmativa de que ocorreu a substituição

do “tu” pelo “você”, em alguns dialetos do PB, como é o caso paulista (ao menos paulistano) ou do mineiro.

Ao afirmar que Porto Alegre parece estar mais adiantada que Florianópolis, a autora evidencia o fato de Porto Alegre utilizar o pronome “tu” mais a terceira pessoa do singular com bastante freqüência na fala, enquanto na capital catarinense o uso da segunda pessoa verbal ainda é muito comum. A idéia de adiantamento está na explicação de que Porto Alegre já segue a nova tendência do PB de usar o morfema Ø.

No estudo sobre a cidade de Belém, Menon constata que o “tu” é bastante utilizado, em situações diversas: de filho para o pai; entre as crianças, entre professores. Já em São Paulo e Minas Gerais, o estudo conclui que não há a presença do pronome “tu”.

Menon (2000) também analisou cartas de escritores brasileiros e constatou que em Minas Gerais, o pronome “tu” já foi utilizado: em Minas Gerais, as cartas do Conselheiro Lafayette apresentam uma regularidade incrível - todas utilizam as formas canônicas de segunda pessoa; ainda em Minas, o Dr. Brandão, cunhado de Bueno Brandão, em sua primeira carta (31.12.1884) emprega somente as formas canônicas de segunda pessoa, já na carta seguinte, datada de 30 de setembro, com uma nota do organizador, que a situa em 1887 ou 1888, pelo assunto, alterna formas de “tu” com formas de “você”; pode-se recuar o uso de “você” em Minas Gerais para a década de 80 do século XIX, na escrita; provavelmente muito mais recuado estaria o uso oral.

Por meio do estudo de Menon (2000) podemos afirmar que o “tu” em Minas Gerais era bastante utilizado no século XIX, pelo menos na escrita, contudo, foi no século XIX também que o pronome “você” co-ocorreu com o pronome “tu” até suplantá-lo seu emprego.

Um outro estudo que analisa os pronomes-sujeitos é o de Silva (1994). Nele, nota-se a importância da segunda pessoa na fala, pois é a que age na ação comunicativa, desse modo “quando comparamos a taxa de ocorrência de pronome sujeito nas três pessoas do discurso no português, salta aos olhos o predomínio da segunda pessoa, seja na modalidade oral seja na modalidade escrita.” (SILVA, 1994, p. 63).

De acordo com a autora, a segunda pessoa é muito presente no Vernáculo, pois é resultante da ação comunicativa, é a interação do falante com o ouvinte, é a que organiza a conversação. Silva (1994) faz um estudo sobre os usos de segunda pessoa no Rio de Janeiro, no caso do pronome “tu”: há um “crescimento, na área do Rio de Janeiro, do uso do pronome “tu”, para tratamento do ouvinte, acompanhado do verbo sem a flexão correspondente.” (SILVA, 1994, p. 62). Conforme o exemplo:

- (18) Pode existir um montão de música, mas o samba nunca cai! *Tu vê* que o samba nunca cai. O samba está sempre no auge.³³

O pronome “tu” combinado a uma terceira pessoa verbal é uma tendência do PB em ter os morfemas Ø, contudo, para Silva, o caso do Rio de Janeiro é diferente, assim afirma que

quanto à concordância nos verbos que acompanham ocorrências de “tu”, até agora observada como categórica, ela parece apenas transpor para um novo pronome a situação anterior: o pronome “você” não leva marcas específicas para o verbo, ele usa as de 3ª pessoa. Assim, talvez possamos dizer que é o sistema pronominal do português carioca falado que esteja modificando, e não o sistema flexional do verbo (SILVA, 1994, p. 64).

Silva (1994) não confirma que o “tu” seja empregado com o verbo na terceira pessoa por seguir um morfema Ø, mas por fazer analogia ao paradigma número-pessoal empregado pelo pronome “você”. Assim o “tu” no Rio de Janeiro é empregado com o verbo na terceira pessoa como uma característica analógica ao “você”.

Observando mais teorias, o estudo de Monteiro (1988) relata sobre a variação dos pronomes pessoais e em Monteiro (1994) analisa os pronomes pessoais no PB, também há a investigação sobre a alternância dos usos dos pronomes “tu” e “você” no Brasil.

Para o autor, o pronome “tu” tornou-se complicado, com uma flexão de segunda pessoa difícil de ser praticada, o pronome “você” se tornou mais fácil, já que é usado com uma flexão de terceira pessoa. Dessa forma, ele (1988, p. 142) explica que na língua portuguesa “dá para se pensar que a grande aceitação do pronome ‘você’ em

³³ Silva (1994, p. 62).

quase todo o Brasil em parte seja uma estratégia em que se tenta evitar as dificuldades da flexão verbal portuguesa, ora em fase de simplificação.”

Monteiro afirma que o PB está em fase de simplificação, pois além da segunda pessoa verbal ser difícil de ser conjugada, ainda é resultante de um sistema reduzido, assim, Monteiro (1994 *apud* VANDRESEN; BRISOLARA, 2001, p. 504) também afirma que

Variante (“tu” sem concordância) é favorecida pela tendência mais geral do Português popular brasileiro de reduzir seu sistema de flexão verbal e outras alterações no sistema pronominal que favorecem esta redução [...] concorrendo [...] “você” com “tu” [...] em todo o território nacional.

Monteiro (1994) explica que a alternância entre “tu” e “você” se dá pela complicação em se flexionar um verbo em segunda pessoa aliado à facilidade da terceira.

Tenório (2002) analisa estudos acerca do uso dos pronomes “tu” e “você” na fala de Maceió, estado de Alagoas. A autora aborda uma série de levantamentos teóricos que conduzem sua pesquisa.

Inicialmente, Tenório utiliza os estudos de Ramos (1999) a qual observa que ainda há a conservação do pronome “tu”, pois como afirma ela (1999 *apud* TENÓRIO, 2002, p. 4) o “processo de reorganização do sistema pronominal no português brasileiro, observa-se um contraste entre as variedades do português brasileiro que conservam o ‘tu’ e aquelas que utilizam o pronome ‘você’.”

Tenório equivale aos estudos de Ramos a explicação de que entre as localidades que ainda preservam o pronome “tu”, encontra-se a cidade de Maceió, ressaltando que “na fala utilizada em Maceió, apesar de ser predominante o uso da forma ‘você’ [...], o pronome ‘tu’ parece ainda presente até mesmo na fala de jovens, sendo porém usado com o verbo na terceira pessoa.” (TENÓRIO, 2002, p. 4).

E ao contrário do que afirma Tenório, Ramos afirma que “as áreas de João Pessoa e Maceió não mais conservam o pronome ‘tu’ em seu sistema pronominal.” (RAMOS, 1999 *apud* TENÓRIO, 2002), o que significa que não há o emprego desse pronome em Maceió.

Com relação ao estado do Maranhão, Ramos (1999 *apud* TENÓRIO, 2002, p. 3), confrontando as opiniões dos estudos anteriores, explica que o pronome “tu” é utilizado com a marcação da flexão de segunda pessoa no verbo na região Norte, isto é, afirma que o “pronome ‘tu’, [é usado] juntamente com formas verbais acompanhadas de desinências (s). [...] Na região Norte e no Maranhão, o pronome ‘tu’ é utilizado no tratamento íntimo, e o pronome ‘você’ é utilizado no trato formal.” Ramos (1999) não avança nessa questão, nem aponta o emprego do pronome “tu” acompanhado do verbo na terceira pessoa do singular no Maranhão.

Tenório também utiliza o trabalho de Sette (1980) sobre a cidade de Recife, estado de Pernambuco. Nele, Sette afirma que a forma “você” foi mais usada que a forma “tu”, mas as duas formas co-ocorrem de forma corrente no dia-a-dia dos falantes pesquisados.

Já no estado da Paraíba, Tenório utiliza os estudos de Bezerra. Nesse trabalho, a cidade de Campina Grande é analisada por Bezerra (1994 *apud* TENÓRIO, 2002, p. 44) o qual explica “o uso de ‘tu’/‘você’ em interações espontâneas de crianças de idade entre 6 anos a 12 anos.”

Na análise específica de Maceió, o trabalho de Tenório (2002, p. 46) afirma que “nos diálogos coletados, nos deparamos com um uso efetivo do ‘tu’. Entenda-se por uso efetivo um uso presente nas situações de fala, que ocorre em diferentes idades e localidades, em diferentes construções.” Desse modo, a autora explica que o pronome “tu” é presente em Maceió, e com relação ao pronome “você”, “no que concerne ao uso de clíticos, juntamente com as formas ‘tu’ e ‘você’, verificamos alguns casos do uso da forma ‘você’, juntamente com o clítico ‘te’.”

De acordo com a autora, podemos observar o uso dos pronomes “tu” e “você” nos exemplos abaixo:

(19) *Tu lembra* de pegar o meu trabalho?

(20) Se *você* não achou, depois eu *te* ajudo, tá?³⁴

³⁴ Os exemplos (19) e (20) foram extraídos de Tenório (2002, p. 46).

Conforme exemplo (19), o emprego do pronome “tu” com verbo na terceira pessoa do singular “é quase unânime [essa] não-concordância por parte do pronome ‘tu’”. (p. 49). Em seu trabalho, houve apenas um caso em que o pronome “tu” foi regido por um verbo também na segunda pessoa, conforme exemplo abaixo:

(21) *Tu achas?*³⁵

A análise de Tenório comprovou o uso do pronome “tu” na cidade de Maceió, com prevalência da redução do paradigma número-pessoal do verbo.

No estudo realizado por Freitas (1991) sobre os pronomes pessoais em textos pedagógicos, há uma delimitação entre as localidades que ainda utilizam o pronome “tu” e aquelas que usam apenas o “você”. Assim, ela marca o uso do pronome “tu” como conservadorismo e o uso do pronome “você” como marca inovadora. Ela afirma que

a área geográfica de uso de “tu” ou de “você” mostra-se, assim, claramente delimitada: Recife, Salvador, Rio e São Paulo, com o uso de “você”, podem constituir uma área inovadora, enquanto que Porto Alegre, mantendo o “tu”, pode ser considerada conservadora, apesar de que a concordância que por vezes utiliza [...] para esta forma – “tu” + 3ª pessoa do singular – se revela francamente inovadora (FREITAS, 1991, p. 138).

Como vimos, a autora mostra o traço conservador mais o traço inovador, o emprego da segunda pessoa “tu” em Porto Alegre em contraponto a uma utilização da terceira pessoa do verbo. O uso do pronome “tu” é ainda, segundo Freitas (1991), utilizado no estado da Paraíba, embora já suplantado pelo emprego do pronome “você”:

embora se afirme que o uso de ‘você’ predomine sobre o de “tu”, na quase totalidade do Brasil, [...] percebemos ser muito freqüente na Paraíba o uso de “tu” ao lado de “você” entre os interlocutores, principalmente infantis, num mesmo evento de fala (FREITAS, 1991, p. 96).

O estado da Paraíba, como assevera Freitas (1991), também apresenta a tendência de emprego do pronome “tu” com a combinação a um verbo na terceira

³⁵ Retirado de Tenório (2002, p. 49).

pessoa do singular. Dessa maneira, a alternância entre os usos dos pronomes “tu” e “você” como foi abordado nos estudos de Menon (1995, 2000), Silva (1994), Monteiro (1988, 1994), Tenório (2002) e Freitas (1991) evidencia que, grande parte do país emprega a forma “você” como tratamento de segunda pessoa e o pronome “tu” como variante regional.

1.7 Considerações Parciais

Apresentamos neste capítulo, a Sociolingüística Laboviana e a Paramétrica que nortearam o referencial teórico de toda nossa pesquisa. Realizamos também um levantamento teórico acerca do modelo do sistema pronominal demonstrado pelas gramáticas do PB e do PE, assim como alguns aspectos sobre as alterações no sistema pronominal brasileiro, discutindo as opiniões de alguns estudiosos.

Explicamos o uso da alternância, especificamente da segunda pessoa do singular, representada pelos pronomes “tu” e “você”, e algumas teorias que relatam sua origem, uso e desuso e a alternância no Português Brasileiro.

Na seção a seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos, incluindo o envelope de variação, as hipóteses, os objetivos e os grupos de fatores.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos os Procedimentos Metodológicos que norteiam a nossa pesquisa. Primeiramente é descrito o material utilizado, em seguida, o envelope de variação de nosso trabalho no qual são descritas as hipóteses que orientam a pesquisa, os objetivos, e por último, os grupos de fatores utilizados.

2.2 Material Utilizado

A pesquisa realizada foi composta por dois *corpora* lingüísticos, ambos representantes do PB, na modalidade oral, os quais totalizaram 1059 dados.

Constituiu-se um grupo de informantes distribuídos em 43 entrevistas de fala espontânea realizadas em Uberlândia, Minas Gerais, e, 43 em Imperatriz, Maranhão, em um total de 86 entrevistas de uma hora.

Para compor o fator idade de nosso trabalho, baseamo-nos em Labov com adaptações à realidade brasileira, pois conforme ele

divisions of the age continuum into groups must be roughly consonant with life stages. In modern American society, these events are alignment to the pre-adolescent peer group (8-9), membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of the secondary schooling and orientation to the wider world of

work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family responsibilities (30-59), retirements (60s)³⁶ (LABOV, 2001, P. 101).

Utilizamos a adaptação do modelo laboviano acima descrito e nos baseamos ainda em Tarallo (1985, p. 30) que afirma: “a medida de cinco informantes para cada combinação dos fatores extralingüísticos pode ser-lhe muito útil no momento de definir e caracterizar o universo de sua amostra”. Dessa maneira, apresentamos o quadro, a seguir, que explica como deve ser feita a distribuição dos informantes por faixa etária e classe social.

Faixa Etária	Classe Social			Total
	A	B	C	
De 20 a 30 anos	5	5	5	15
De 31 a 45 anos	5	5	5	15
Acima de 45 anos	5	5	5	15
Total de informantes	15	15	15	45

Quadro 4 – Informantes por célula

Assim, com o propósito de obtermos resultados seguros, foi selecionado um número de cinco informantes para cada fator descrito acima. Trabalhou-se, nessa pesquisa, com os fatores idade e classe social. Dessa maneira, o número de informantes previsto seria de 45 para cada localidade.

Além disso, é importante ressaltar que fatores como classe social e faixa etária são pertinentes em uma pesquisa de cunho sociolinguísta, visto que esses fatores

³⁶ Divisões do contínuo em grupos por faixa etária devem ser consoantes com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos de adolescentes (13-16), Ensino Médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início do emprego estável e constituição familiar (20-29), total engajamento no mercado de trabalho e responsabilidades com a família (30-50), aposentadoria (acima de 60) (LABOV, 2001, p. 101, tradução nossa).

extralingüísticos estabelecem correlações importantes, tradicionalmente, em uma pesquisa.

Para a seleção dos informantes em Uberlândia e em Imperatriz, foi preparado um questionário (Anexo 1) que realiza um levantamento prévio da situação sócio-econômica do informante a fim de estabelecer o preenchimento dos perfis procurados para a coleta dos dados. Desse modo, foram selecionados, conforme a idade, classe social e região geográfica, os 86 informantes envolvidos na pesquisa.

Após a seleção, foi elaborado um questionário (Anexo 2) utilizado como roteiro para as entrevistas. Neste roteiro, foi dada a importância a questões que priorizassem a emoção do informante. Por meio de questionamentos que propuseram avaliações, opiniões, julgamentos, narrativas pessoais, o falante pôde produzir textos que se aproximassem do Vernáculo.

Após as entrevistas, a transcrição, a codificação dos dados, procedemos ao levantamento quantitativo. Assim, utilizamos os programas do Pacote Varbrul (SANKOFF, 1988) por ser exato e imprescindível para a análise de cunho variacionista. Este programa opera por meio de análises matemáticas, apresenta as estatísticas e percentuais ao analisar cada grupo de fator envolvido na pesquisa.

2.3 Envelope de Variação

Para desenvolver o trabalho, partimos das seguintes hipóteses:

Hipóteses

- O pronome “tu” co-ocorre com o pronome “você” em Imperatriz.
- Uberlândia possui resquícios da segunda pessoa caracterizados por co-referentes como “te”, “ti”, “teu” e etc.

- O pronome “tu” concorda com o verbo na segunda pessoa do singular.
- O pronome “tu” concorda com o paradigma flexional número-pessoal do verbo em terceira pessoa do singular.

A partir da convivência e observação na cidade de Imperatriz, foi possível construir a hipótese de que o pronome “tu” co-ocorre com o pronome “você”. O mesmo não se apresenta na cidade mineira, contudo, observou-se, ainda, que em Uberlândia há a presença de co-referentes que referem a uma segunda pessoa na fala.

Em Imperatriz foi percebida a presença de alguns paradigmas verbais, um com o verbo na segunda pessoa do singular e outro na terceira pessoa. Para verificar tais constatações, primeiramente apenas observáveis, foram criadas as hipóteses a fim de serem confirmadas ou refutadas a partir da análise dos dados.

Objetivos

Com base nas hipóteses levantadas, propusemos os seguintes objetivos:

- Verificar se o pronome “tu” co-ocorre com o pronome “você” em Imperatriz.
- Verificar a ocorrência de co-referentes de segunda pessoa (te, ti, teu, etc.) em Uberlândia.
- Investigar se o pronome “tu” é utilizado com o verbo na segunda pessoa do singular.
- Investigar se há redução do paradigma número-pessoal do verbo quando relacionado ao “tu”.

Por meio das hipóteses levantadas, o nosso trabalho objetiva responder aos questionamentos estabelecidos. E, a partir das hipóteses e objetivos, os grupos de fatores foram elencados.

Grupo de Fatores

Variável dependente

- 1) Presença da segunda pessoa do singular “tu”.
- Ø) Presença da segunda pessoa do singular “você”.

Exs:

- 1)
 - **Tu** fica aí se lamentando. (OMC-350-34).³⁷
- Ø)
 - **Você** lava bem as frutas, as do seu gosto. (MGF-504-44).
 - A sociedade já exclui essas crianças, ainda **você** pode ver aí no sinaleiro. (AM-532-47).

Grupo 1: Termo co-referente de segunda pessoa do singular

- a) Pronome possessivo “teu, tua”.

³⁷ Cada informante possui um código que corresponde às iniciais do seu nome, conforme anexos 3 e 4. Os números indicam o número da amostra e o número da entrevista, respectivamente. As entrevistas de 01 a 45 são de informantes de Imperatriz/MA e as de 46 a 88 são de Uberlândia/MG.

- b) Pronome possessivo “seu, sua”
- c) Pronome oblíquo “te”, “ti”
- d) Pronome oblíquo “contigo”
- /) Não se aplica.

Exs:

a)

- Você diz pra tomar isso e ele segue a **tua** ordem. (AMN-165-19).
- Você não precisa de sair da **tua** casa pra fazer trabalhos. (RC -963-80).

b)

- Tu tem que tentar buscar a **sua** mente. (BGSL-397-38)
- Eu vou enfrentar meu problema, ache uma forma porque **seu** problema ta ali. (AMO-548-48).

c)

- Rapaiz, pára disso senão tu vai ver, eu vou **te** bater. (OMC-351-34)
- Passa uma, às vezes **te** olha por cima. (AMO-553-48).

d)

- Foi bom essa entrevista feita **contigo** e foi bom a conversa com você. (R-148-18).

Grupo 2: Paradigma Número-Pessoal do Verbo

- e) Verbo na segunda pessoa do singular.
- f) Verbo na terceira pessoa do singular.

Exs:

e)

- **Tu** não **fostes**, não **fizeste** os deveres de casa e porque eu tenho certeza que tua mãe não sabe, se ela soubesse, ela tava no teu pé. (AMN-160-19).

f)

- **Tu** já **foi**, por exemplo, lá na Cachoeira de Itapecuru. (JPH-184-20).
- **Você** não **vê** pobre, **você vê** gente só com um carrão. (AMO-559-48).

Grupo 3: Classe Social

g) Classe alta.

h) Classe média.

i) Classe baixa.

g)

- **Tu** foi errado, tem que admitir. (AMP -481-43).
- **Você** tem que pensar em primeiro lugar na sua alma. (LBF-454-42).
- Se não for dar vacina, **você** não precisa nem de trazê-la aqui mais. (MIMR-803-71).

h)

- **Tu** vai aqui por essa rua, segue até chegar ali naquela esquina. (JPH-20-3).
- **Você** tem que procurar a Deus. (ESP-17-3).
- **Você** acaba trazendo problemas de saúde. (MTAL-824-74).

i)

- **Tu** tem que fazer a vontade de Deus. (AMP-28-4).
- **Você** tem que seguir o caminho de Deus. (IJP-37-5).
- Na hora em que **você** é roubado, **você** fica desesperado. (MJR-805-72).

Utilizamos o Critério Brasil do IBGE, conforme Anexo 5, para o levantamento socioeconômico dos informantes. Esse critério, que utiliza uma tabela de bens de

consumo e grau de escolaridade do chefe de família, nos fornece a classe social a qual o informante pertence.

O critério tem o objetivo de medir o poder aquisitivo do consumidor e fornece em um quadro, o grau de escolaridade e os bens de consumo do informante. Cada resposta é relacionada a um valor, ao final se faz a contagem de pontos e o sujeito é encaixado em uma classe social de acordo com sua pontuação.

No Critério Brasil, a divisão é em cinco classes sociais: A, B, C, D e E. Nessa, há outra divisão em A1, A2, B1 e B2. Contudo, em nosso trabalho as classes foram amalgamadas como o grupo da classe A, B e C, conforme anexos 3 e 4.

Grupo 4: Faixa Etária

- j) 20 a 30 anos.
- k) 31 a 45 anos.
- l) Acima de 45 anos.

j)

- **Tu** não pode ficar assim. (ESP-24-3).
- Se **você** falar qualquer coisa, tem risco de acontecer algo muito pior. (ESP-23-3).
- Às vezes **você** não conhece a pessoa. (MJR-807-72).

k)

- **Tu** aqui na Ceará, pega a Luiz Domingues. (IJP-38-5).
- **Você** é um cantor muito bom. (IJP-45-5).
- **Você** falou como se ela fosse um nada. (MIMR-798-71).

l)

- Se **tu** já foi no médico, vai em outro. (EJP-14-2).
- Basta **você** seguir a rua. (EJP-13-2).
- **Você** sabe que vai te fazer bem fisicamente. (SAG-996-82).

Para compor o fator idade, os informantes da pesquisa foram compostos de adultos em ambos os sexos, nascidos em Uberlândia (Anexo 4) e em Imperatriz (Anexo 3) ou que chegaram a essas localidades ainda na infância. Os sujeitos pesquisados foram divididos em três grupos de idades: o primeiro envolvendo pessoas de 20 a 30 anos; o segundo entre 31 a 45 anos; e, o último com pessoas acima de 45 anos.

Grupo 5: Região Geográfica

m) Imperatriz.

n) Uberlândia.

m)

- **Tu** não pode ficar assim. (ESP-24-3).
- **Você** tem que ter auto-estima. (AJP-89-12).

n)

- **Você** tá varrendo. (SAG-990-82).

A cidade de Imperatriz está localizada no oeste do estado do Maranhão, a 637 quilômetros da capital São Luiz, constituindo-se a segunda maior cidade, conforme Abreu (2006).

Segundo dados do IBGE de 2004, Imperatriz possui uma população estimada de 231.950 habitantes. Desse total, 218.555 pessoas habitando a zona urbana e 11.895 localizados na zona rural, constituindo uma taxa de urbanização de 94,84%.

Imperatriz é limítrofe com as cidades de Cidelândia, São Francisco do Brejão, Davinópolis, Senador La Rocque, Governador Edison Lobão, João Lisboa e está às margens do rio Tocantins

A cidade de Imperatriz possui intercâmbio com outras regiões devido ao comércio e à educação, pois segundo Abreu (2006)

a cidade é um importante distribuidor de bens e serviços para uma grande área de compreende o oeste do Estado do Maranhão, o norte do Tocantins e o sul do Estado do Pará. Possui um setor varejista e atacadista pujante. Nos últimos anos , transformou-se em um importante pólo universitário, com a implantação de várias faculdades privadas, como Facimp, Unisulma, Fama e Fest, que se somaram as já existentes UFMA (Universidade Federal do Maranhão) e UEMA (Univerdidade Estadual do Maranhão).

O mapa abaixo de Abreu (2006) mostra a localização de Imperatriz no estado do Maranhão:

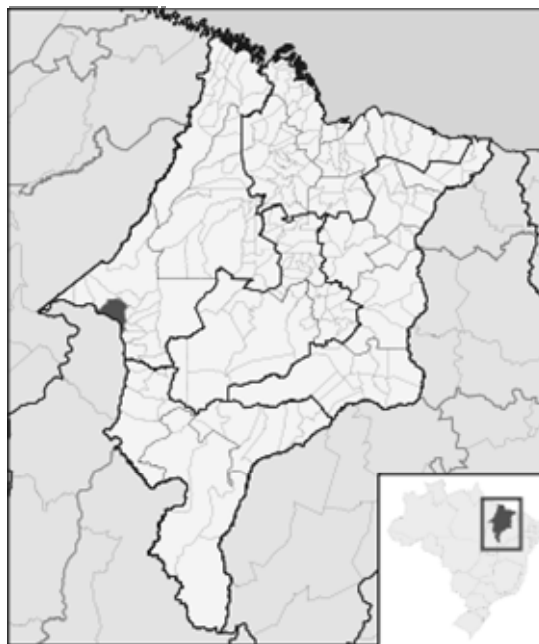


Foto 1 – Maranhão - município Imperatriz

Fonte: Abreu (2006).

De acordo com o IBGE (2005), Uberlândia possui 585.262 habitantes. Localiza-se no oeste do estado, na região do Triângulo Mineiro e

sua economia é baseada nas agro-indústrias, que formaram na região um importante centro industrial, mas destaca-se na cidade o setor de serviços. Estão sediados na cidade, grandes atacadistas de atuação nacional, devido principalmente à sua localização geográfica na região central do Brasil. Quatro das maiores atacadistas do país são desta cidade. Como Martins, Arcom, Peixoto e Aliança. Devido ao grande e contínuo fluxo migratório, houve um aumento vertiginoso da população da cidade nos últimos trinta anos, e apesar da pujança econômica das grandes empresas sediadas na cidade, Uberlândia caracteriza-se por oferecer mão-de-obra abundante e barata, com salários no geral, menores que outras cidades de porte maior. (ABREU, 2006).

Uberlândia também possui várias faculdades e uma universidade federal, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo uma população universitária de aproximadamente 30 mil estudantes, segundo Abreu (2006). A seguir, o mapa com a localização de Uberlândia, no estado de Minas Gerais:



Foto 2 – Minas Gerais - Micro - Uberlândia

Fonte: Abreu (2006).

2.4 Considerações Parciais

Neste capítulo procuramos apresentar o *corpus* de nossa pesquisa, assim como as hipóteses, os objetivos e o envelope de variação que nortearam nosso trabalho. Além disso, cabe esclarecer que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo e Kato (1989, p. 38-39), a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera [...] ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano [...], decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

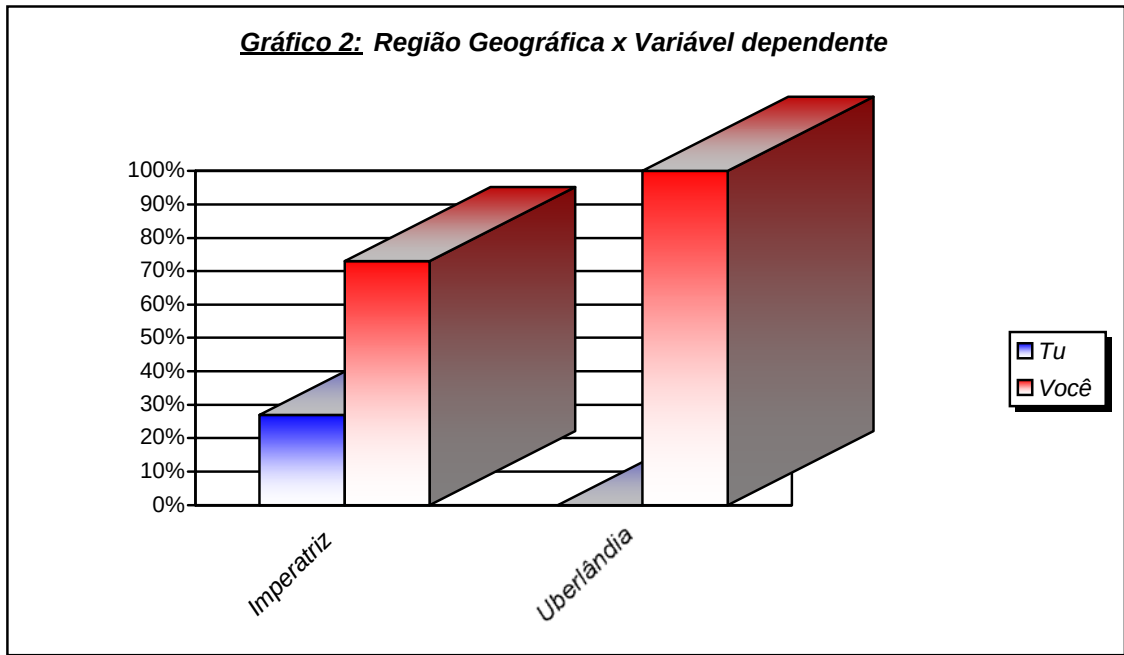
3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos resultados obtidos, após o cruzamento da variável dependente e dos grupos de fatores estabelecidos conforme o capítulo 2 de nossa dissertação.

Primeiramente, exporemos a visão geral do contraste de uso pronominal de segunda pessoa do singular “tu” e “você” em Uberlândia, Minas Gerais e em Imperatriz, Maranhão. E, na seqüência, cada cruzamento apresentado no envelope de variação.

O *corpus* foi constituído por 1059 dados, distribuídos em duas divisões geográficas, conforme localidades referidas acima, do PB. Desse total, 530 das ocorrências são de Imperatriz e 529 de Uberlândia.

3.2 Região Geográfica x Variável Dependente



Os dados obtidos no Gráfico 2³⁸ demonstram um percentual de 27% para o emprego de “tu” e 73% para o emprego de “você” em Imperatriz, ao passo que, em Uberlândia, há 100% de emprego do pronome “você”.

Esses dados revelam uma distribuição não-harmônica entre o emprego de “tu” e “você” em Imperatriz, com uma diferença bastante significativa: 46 pontos percentuais. Sette (1980 *apud* TENÓRIO, 2002, p. 40) considera que “a forma ‘você’ [...] é mais usada do que a forma ‘tu’, mas as duas ocorrem de forma corrente no dia-a-dia dos falantes.” Obviamente encontramos um resultado semelhante ao estudo de Sette, com as duas formas ocorrendo em Imperatriz, com o maior emprego do pronome “você”.

Vale ressaltar que o objetivo deste Gráfico foi evidenciar a confirmação ou a refutação da hipótese geral apresentada em nosso trabalho: que o pronome “tu” ocorre com muita frequência em Imperatriz e não ocorre em Uberlândia.

³⁸ Cada Gráfico apresentado possui uma tabela correspondente, conforme Anexo 6. Deve-se esclarecer ainda que, em muitos casos, haverá uma leitura horizontal e/ou uma leitura vertical dos dados obtidos na pesquisa, uma leitura em detrimento da outra, ou as duas, horizontal e vertical, para que haja uma maior clareza na apresentação dos resultados.

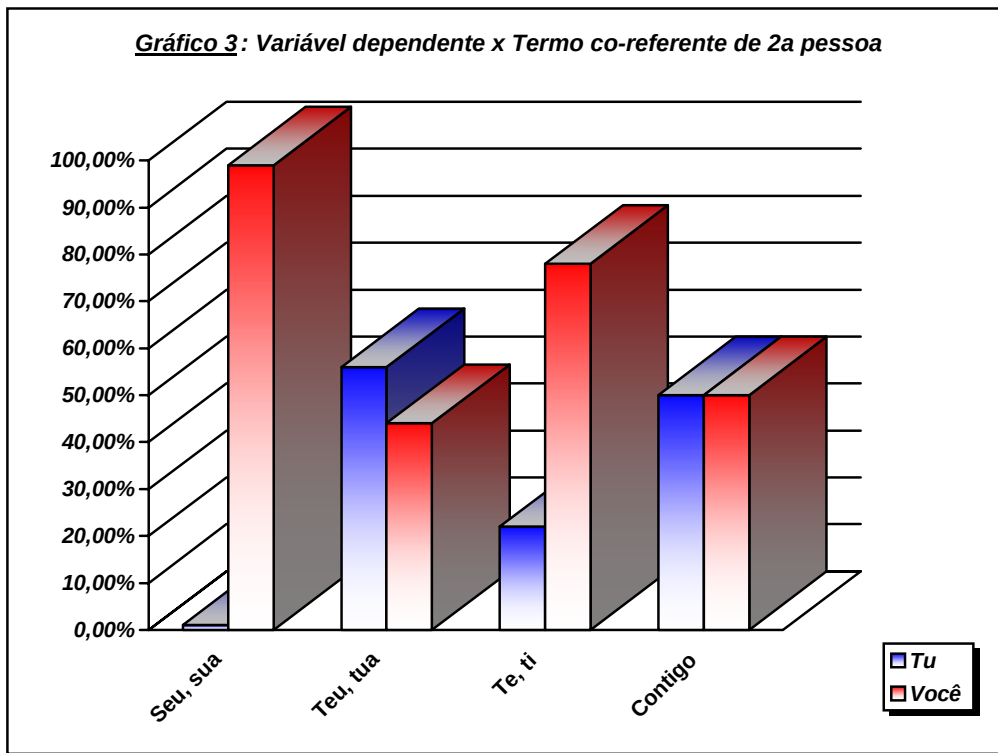
Considerando os resultados, é evidenciado que não há o emprego do pronome “tu” em Uberlândia, entretanto, este pronome não é empregado em maior frequência que o pronome “você” em Imperatriz.

O fator região geográfica, como esperado, apresenta relevância no favorecimento de variação intra-lingüística entre os pronome “tu” e “você”.

A seguir serão apresentados os cruzamentos mais relevantes relacionados aos fatores lingüísticos – termo co-referente de segunda pessoa do singular, paradigma número-pessoal do verbo – e aos fatores extralingüísticos: classe social, faixa etária e região geográfica.

3.3 Termo Co-Referente de 2ª Pessoa x Variável Dependente

O cruzamento correspondente da variável dependente com o termo co-referente de segunda pessoa, apresentou o seguinte resultado:



O Gráfico 3 apresenta os percentuais globais para o emprego de co-referentes de segunda pessoa com os pronomes “tu” e “você”. Os co-referentes “seu, sua” quando empregados com o pronome “tu” teve ocorrência de apenas 1%. Por outro lado, quando empregado com o pronome “você”, ocorrem em 99% dos casos.

Já os co-referentes “teu, tua” quando usados com o pronome “tu” são empregados em 56% dos dados e quando empregados com o pronome “você”, 44% das ocorrências. Os co-referentes “te” e o “ti” foram empregados em 22% dos casos com o pronome “tu” e com o pronome “você” tiveram frequência de 78%. Já o pronome “contigo” é usado em 50% tanto para o pronome “tu” quanto para o pronome “você”.

Conforme nos revelam os resultados do Gráfico 3, os co-referentes “seu” e “sua” são frequentemente empregados com o pronome “você”, 99%. Este fato nos leva à hipótese de que um pronome de terceira pessoa gramatical requer um pronome também de terceira pessoa.

Os co-referentes “teu”, “tua” não apresentaram uma diferença percentual relevante quando empregados com o pronome “tu” ou com o pronome “você”. O mesmo

não ocorre com os co-referentes “te” e “ti” que apresentaram uma diferença de 56 pontos percentuais, com maior frequência para o emprego com o pronome “você”. Este dado revela um resultado esperado em nossa análise, visto que o co-referente “te” ou “ti” é um pronome de segunda pessoa gramatical que, por sua vez, é freqüentemente relacionado na fala. Já o co-referente “contigo” é igualmente empregado com os pronomes “tu” e “você”. Os exemplos abaixo mostram o emprego dos diversos co-referentes:

- (22) *Tu* tem que tentar buscar a *sua* mente. (BGSL-397-38).
- (23) Não tô falando isso porque tô na *tua* frente, mas é a mesma coisa de *tu* chegar pra mim e dizer, olha, eu cometi, eu agredi uma pessoa. (JPH-207-20).
- (24) *Tu* é uma pessoa muito boa, adorei *te* conhecer. (ASP-107-13).
- (25) Isso é uma prova que *tu* tá passando, melhor virá por que Deus tá *contigo*. (CO-333-33).

O exemplo (22) é um emprego pouco freqüente, “tu” + “sua”, 1% de ocorrência. Já o pronome “tu” + co-referentes “tua” ou “te” ou “contigo” como nos exemplos (23), (24) e (25) são mais freqüentes.

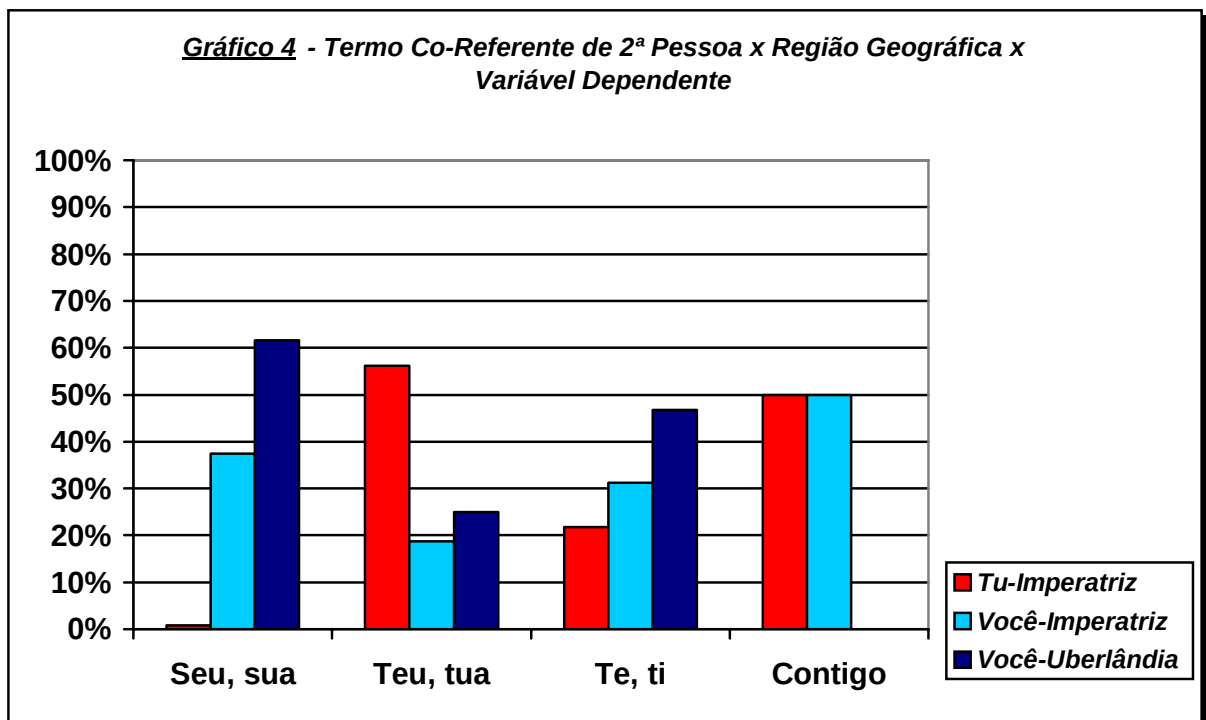
Julgamos oportuno apontar que, enquanto o pronome “seu” apresenta uma maior frequência da terceira pessoa gramatical, o emprego do pronome “você” utilizando em maior frequência co-referentes como “te” e “ti”, mostram que além da importância da segunda pessoa na comunicação, por isso sua grande frequência, está a diversificação na combinação pronominal, pois como assevera Menon (1995, p. 102) “temos no PB, atualmente, dois pronomes para a 2ª pessoa: ‘teu’, ‘seu’. Em alguns dialetos, parece ser a forma ‘seu’ a empregada com mais frequência.”

E ainda “há várias possibilidades de combinação dos pronomes, atualmente. Em algumas variedades do PB é possível encontrar as correspondentes canônicas ‘tu’/‘te’; ‘você’/lhe assim como ‘você’, ‘te’.” (MENON, 1995, p. 100). Os exemplos do *corpus* de nossa análise abaixo demonstram algumas dessas combinações:

- (26) Você nunca crescerá dessa forma que você está tomando *sua* vida.
(RSM-114-14). (“você” + “sua”).
- (27) Você é uma atriz maravilhosa, tenho muita admiração pelo *teu* trabalho.
(EDAG-266-27). (“você” + “teu”).

3.4 Termo Co-Referente de 2ª Pessoa x Região Geográfica x Variável Dependente

O Gráfico 4, a seguir, apresenta o cruzamento dos fatores: termos co-referentes de segunda pessoa, região geográfica e a variável dependente.



Em relação à Imperatriz, este Gráfico evidencia que, o pronome “tu” apresenta 0,8% de emprego com o co-referente “seu” e “sua”. Este mesmo co-referente é

empregado com o pronome “você” com frequência de 37,5%. Já o co-referente “teu” e “tua” é empregado com o pronome “tu” com frequência de 56,2% e com o pronome “você”, com 18,7%.

Os pronomes “te” e “ti”, na mesma localidade, são empregados com o pronome “tu” em 21,8% dos dados, e com o pronome “você” em 31,2%. Quanto ao pronome “contigo”, é empregado apenas em Imperatriz, quando usado com o pronome “tu”, ocorre com frequência de 50% e, com o pronome “você”, também com frequência de 50%.

Quanto a Uberlândia, o pronome “você” apresenta frequência de 61,6% com os co-referentes “seu”, “sua” e com os co-referentes “teu”, “tua” 25%. Quanto ao co-referente “te” ou “ti”, o pronome “você” o apresenta em frequência de 46,8%, o mesmo não ocorre com o co-referente “contigo” que, como vimos, não é empregado em Uberlândia. Com relação a este dado, nossa observação é que o pronome “contigo” foi substituído por “com você”.

Em Uberlândia, os resultados podem ser interpretados da seguinte forma: primeiro, o co-referente “seu” ou “sua” é mais freqüente em Uberlândia, 61,6%. Diante dessa consideração, a possibilidade dessa maior frequência está relacionada ao pronome “você” como único pronome empregado na fala como comunicação de segunda pessoa. Este fato leva a um favorecimento do emprego da terceira pessoa gramatical também no co-referente.

Segundo, tendo em vista a hipótese de que Uberlândia possui resquícios da segunda pessoa caracterizados por co-referentes como “te”, “ti”, “teu” e etc, verifica-se que nesta localidade, esses co-referentes, em contrapartida à frequência dos co-referentes “seu” e “sua”, são pouco utilizados. Embora ocorra o menor emprego, a hipótese referida se confirma.

Ainda mais, na observação da frequência dos termos “teu” e “tua”, há apenas o emprego de 25% e uma maior frequência, 46,8% no emprego de “te” ou “ti”. Tenório (2002, p. 46) apresenta resultados semelhantes e afirma que “nos diálogos coletados [...] nos deparamos [...] com um uso da forma ‘você’, juntamente com o clítico ‘te’, verificamos em nosso *corpus*, alguns casos dispersos de uso da forma ‘você’ acompanhada desse clítico.”

Em Imperatriz, o pronome “tu” é empregado com o co-referente “seu” ou “sua” em 0,8% de frequência. Para verificar essa questão, voltamos à interpretação sobre a maior frequência do co-referente “seu” empregado com o pronome “você”. Neste caso, o pronome “tu” empregará mais co-referentes de segunda pessoa gramatical, por isso, a pouca frequência aqui constatada. O exemplo (28) apresenta esta construção, embora pouco frequente:

(28) *Tu* tem que tentar buscar a *sua* mente. (BGSL-397-38).

O contrário do co-referente “seu” ocorre com o pronome “tu” e o seu co-referente “teu” ou “tua”. O pronome “tu” empregará com maior frequência, obviamente, co-referentes de segunda pessoa, o que confirma seu emprego elevado, “teu” e “tua” 56,2%, o mesmo com o pronome “te” ou “ti”, 21,8%, e com o co-referente “contigo”, 50% de frequência.

O pronome “você” em Imperatriz assemelha-se ao emprego do pronome “você” em Uberlândia. Por meio dos resultados é possível verificar uma maior frequência no emprego dos co-referentes “seu”, “sua”, 37,5% e do pouco emprego de co-referentes como “teu” e “te”. A diferença no emprego dos co-referentes é constatada a não frequência do co-referente “contigo” em Uberlândia, substituído pelo “com você”.

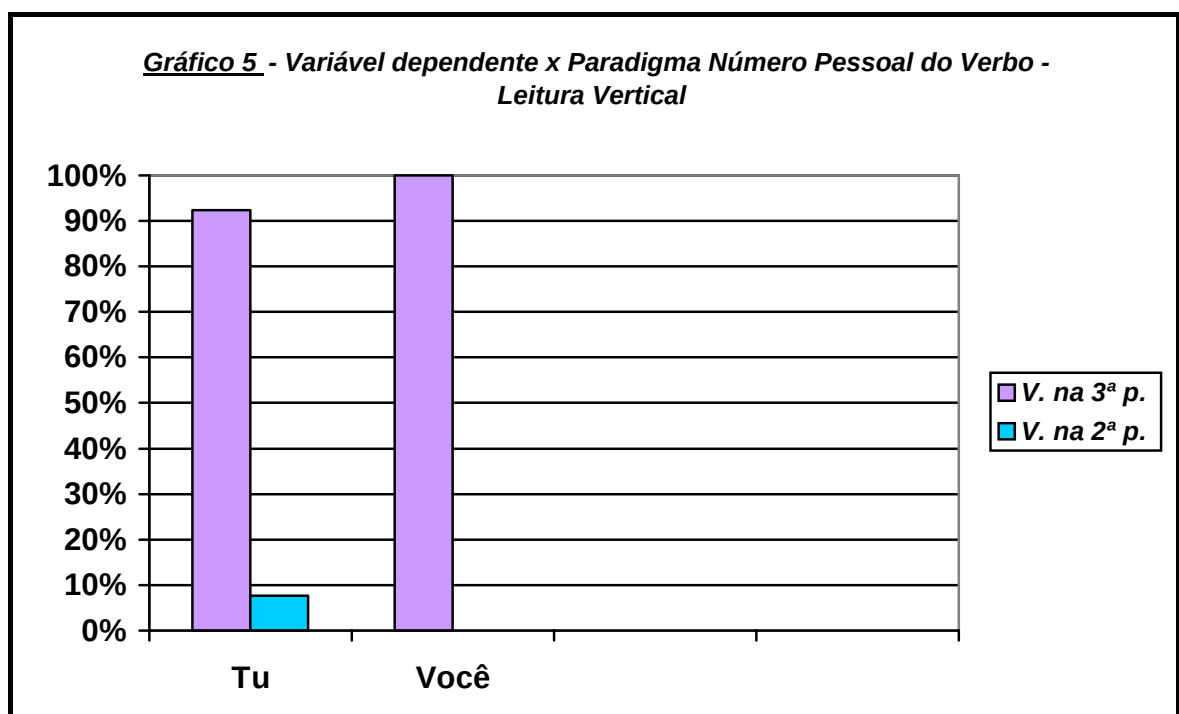
Esta análise sugere que, nas regiões geográficas, há uma diferenciação no emprego do pronome de segunda pessoa do singular. Em Uberlândia, como se verificou, ocorre apenas o pronome “você” e, em Imperatriz existem os pronomes “tu” e “você”.

A diferença na frequência de um ou outro co-referente se dá em função de Uberlândia apenas possuir o “você” como pronome de segunda pessoa do singular, estando claro, assim, um favorecimento do maior emprego do co-referente de terceira pessoa. E, Imperatriz, por apresentar o “tu” há, também maiores diversidades de usos.

Dessa maneira, a região geográfica é um fator de relevância, pois tendo em vista essa correlação pronome pessoal e termo co-referente, é a variação pronominal contida nesse contraste regional que provocará a representação dos termos co-referentes.

3.5 Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Variável Dependente

O Gráfico 5, a seguir, apresenta o cruzamento do paradigma número-pessoal do verbo e a variável dependente:



O Gráfico 5 representa o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo e a variável dependente. Nele, o pronome “você” é empregado em 100% de frequência com o verbo na terceira pessoa do singular. O pronome “tu” apresenta a frequência de 7,7% para o verbo flexionado na segunda pessoa e emprega em 92,3% das ocorrências, o verbo na terceira pessoa do singular.

Quanto ao pronome “tu”, há duas possibilidades de flexão número-pessoal do verbo, uma que emprega o verbo na segunda pessoa, conforme a Gramática Normativa e, outra, que emprega o verbo na terceira pessoa do singular. Essa verificação partiu de

duas de nossas hipóteses: a primeira que o pronome “tu” concorda com o verbo na segunda pessoa do singular e outra em que o pronome “tu” concorda com o paradigma flexional número-pessoal do verbo em terceira pessoa do singular.

Nossas hipóteses foram confirmadas, contudo, ainda também relevante é que essa grande diferenciação na freqüência entre verbo empregado nas segundas e terceiras pessoas com o pronome “tu” é reflexo dos empregos das terceiras pessoas. Menon assevera que

Os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi [...] a que mais rapidamente incorporou seus efeitos. (MENON, 1995, p. 95).

Os exemplos abaixo demonstram a variação verbal com emprego do pronome “tu” :

- (29) *Tu tem* que servi a Deus com toda dedicação. (AMP-30-4).
- (30) *Se tu já foi* no médico, vai em outro. (EJP-14-2).
- (31) *Tu poderias* me ensinar realmente o caminho de seguir a Deus. (JOAS-56-8).
- (32) *Tu num sabes* chegar pra eles e dizer o que *tu sentes*. (AMN-162-19).

Os exemplos (31) e (32) são pouco freqüentes, contudo, ainda ocorrem de forma a definir, não apenas uma flexão de acordo com a Gramática Normativa, mas uma característica local, como uma marca lingüística. E como afirma Menon, a língua não atua uniformemente, desse modo, o verbo em terceira pessoa seria uma atuação pela qual a língua passou e, a marca de segunda pessoa do verbo seria uma apresentação regional, não uniforme do sistema. Os exemplos (31) e (32) são a marca regional e os exemplos (25) e (26) representação da grande freqüência dos usos em terceira pessoa.

Tenório (2002, p. 49) também estuda essa diferenciação no emprego do verbo quando analisa a população de Maceió: “é quase unânime em nossa amostra a não-

concordância, por parte do pronome ‘tu’.” A não-concordância é o uso do pronome “tu” e o verbo na terceira pessoa do singular.

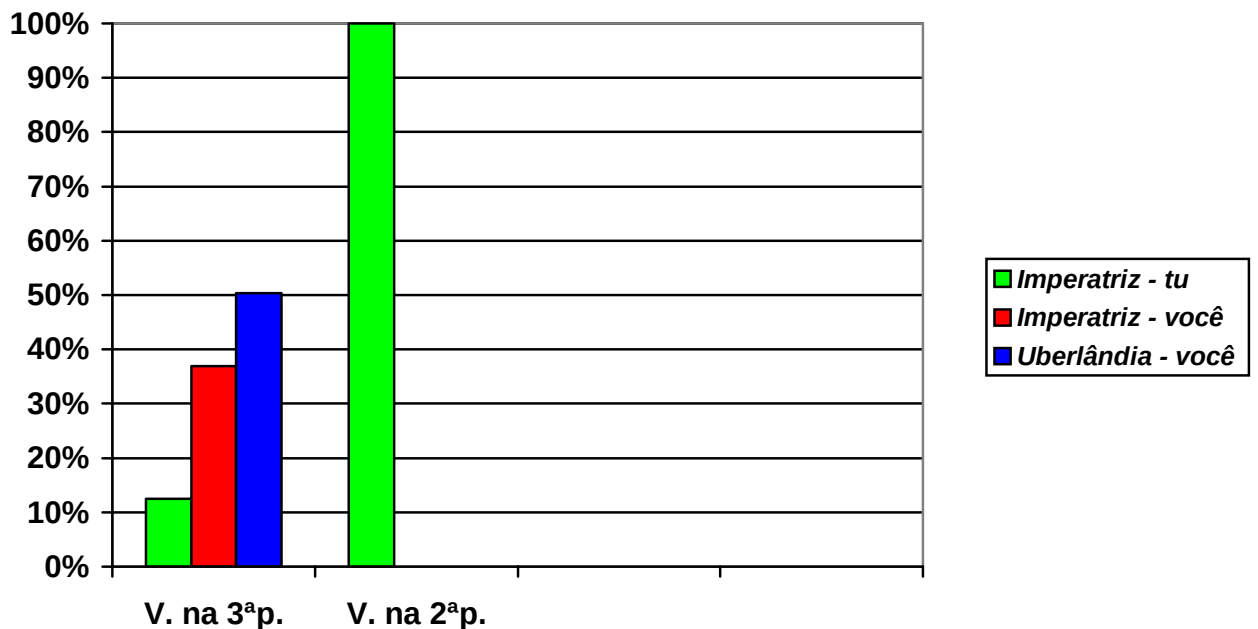
Essas conclusões corroboram a nossa opinião de que o pronome “tu” apresentava uma grande frequência. Contudo, a atuação do sistema lingüístico com o emprego de termos em terceira pessoa, como o pronome “você”, co-referentes e verbo, até mesmo por analogia, fizeram com que a frequência de emprego se desse também por verbos em terceira pessoa, já que o pronome “você” é o mais utilizado.

Além disso, o emprego da flexão verbal em segunda pessoa do singular, para os usuários da língua, é um emprego difícil, sendo, assim, o emprego da terceira pessoa verbal menos complicado.

3.6 Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Região Geográfica x Variável Dependente

No Gráfico 6, a seguir, apresenta o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo, região geográfica e variável dependente . Esse cruzamento entre fatores já estabelecidos e apresentados anteriormente, como explicado, engloba de maneira mais minuciosa a análise, além disso, a região geográfica é um fator de grande relevância, visto que nossa pesquisa aborda duas regiões.

Gráfico 6 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Região Geográfica x Variável Dependente



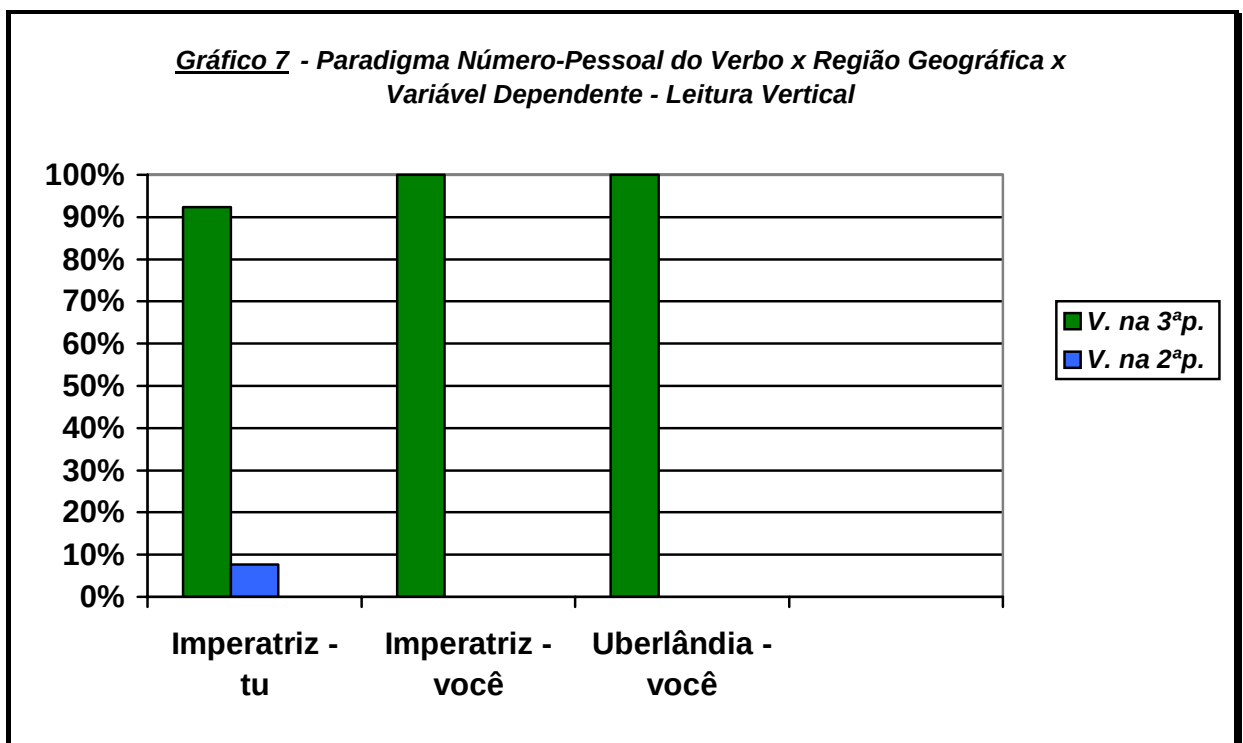
O Gráfico 6 representa os diferentes empregos das pessoas verbais nas duas localidades pesquisadas. Comparando as segundas pessoas em Imperatriz e Uberlândia, a primeira apresenta em 12,5% de frequência, o emprego do pronome “tu” com a terceira pessoa do verbo, 36,9% com o pronome “você” e a terceira pessoa do verbo e, 50,4% com o pronome “você” empregado em Uberlândia também com a terceira pessoa do verbo. A segunda pessoa é apenas empregada com o pronome “tu” em Imperatriz, correspondendo a 100% dos dados.

Este Gráfico apresenta de maneira clara os usos em terceira pessoa verbal. Nele, o pronome “você” é o mais utilizado com o verbo na terceira pessoa do singular. Menon (1995, p. 97) assevera sobre o paradigma verbal:

num dialeto em que os falantes usam consistentemente a forma “tu” é de se esperar que a forma verbal seja produzida com o morfema tradicionalmente atribuído à 2ª pessoa do singular. Paralelamente, um falante de um dialeto que emprega de maneira consistente o pronome “você” utilizará a forma verbal portadora do morfema $\emptyset$. E são essas duas formas que coexistem hoje, para a

expressão da segunda pessoa. Tal afirmação não seria totalmente verdadeira, não fossem certos usos [...]. Trata-se da utilização do pronome “tu” seguido de forma verbal com morfema Ø.

Menon apresenta os mesmos empregos verbais encontrados em nossa pesquisa, o pronome “tu” com a segundas e terceiras pessoas verbais e o pronome “você” na terceira pessoa. Essa diferença no emprego verbal quando o pronome “tu” é utilizado está vinculada a um expressivo uso das terceiras pessoas, então, como o morfema Ø que são os verbos em terceira pessoa. Para explicitarmos melhor a diferenciação entre os paradigmas verbais nas diferentes regiões geográficas, observemos o Gráfico 7 abaixo:



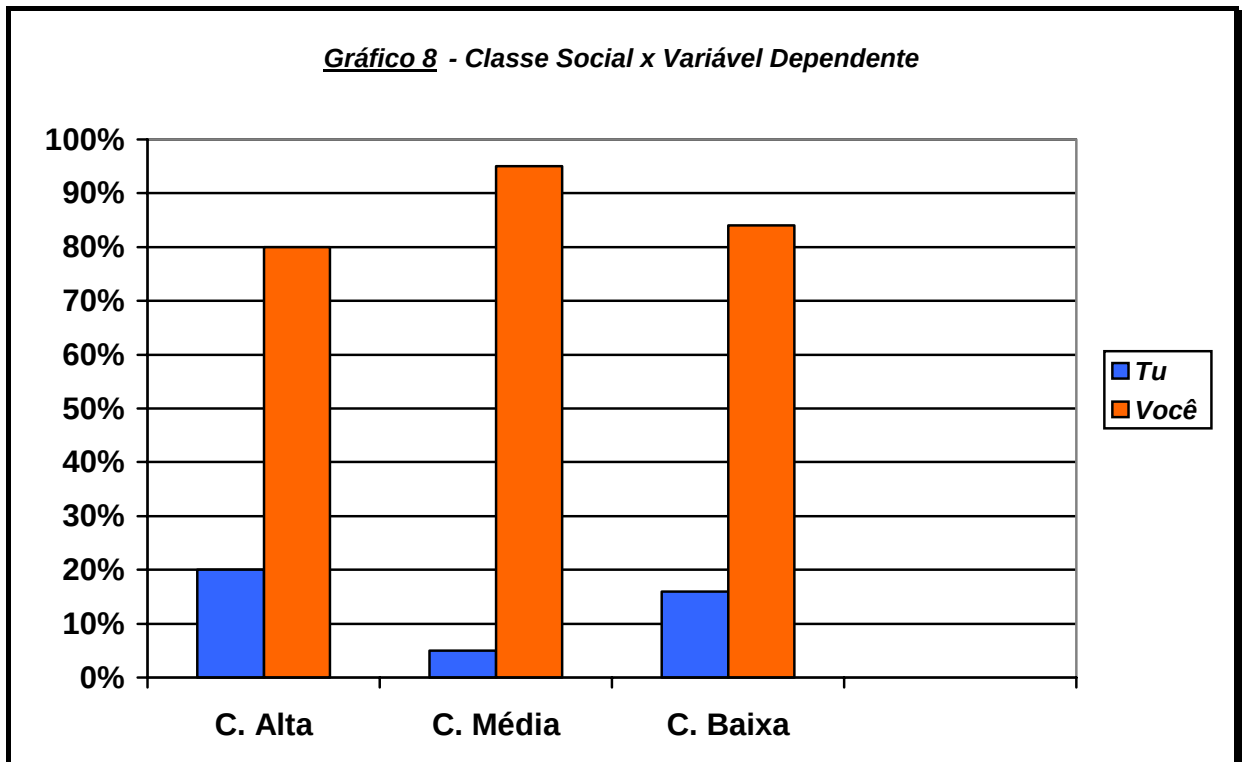
O Gráfico 7 representa a leitura vertical do gráfico anterior e apresenta a diferença no emprego entre os verbos em terceiras e segundas pessoas que não foram possíveis observar de forma mais clara no gráfico anterior. Neste, observamos que em Uberlândia emprega-se o pronome “você” e o verbo na terceira pessoa do singular.

Em Imperatriz, o pronome “tu” é empregado na segunda pessoa verbal em 7,7% dos dados e é utilizado na terceira pessoa em 92,3%. Esses dados só confirmam as conclusões anteriores, que a variação recai no emprego do pronome de segunda pessoa e no verbo é interiorizado o morfema $\emptyset$.

Além disso, a frequência no emprego do pronome “tu” e o verbo na segunda pessoa do singular representa uma marca lingüística de Imperatriz, embora seja menos empregada. A região geográfica é um importante fator no uso variante do pronome de segunda pessoa, pois há o emprego de “tu” mais um verbo nas segundas e terceiras pessoas, diferenciando-se de Uberlândia.

3.7 Classe Social x Variável Dependente

No Gráfico 8 a seguir, apresentamos o cruzamento entre classe social e a variável dependente:



No Gráfico 8 acima, observa-se que na classe alta, o percentual é de 20% de frequência para o emprego do pronome de segunda pessoa “tu” e 80% para o emprego do pronome “você”. A classe média apresenta 5% de emprego para o pronome “tu” e a maioria com 95% de frequência para o pronome “você”. Já a classe baixa possui 16% de emprego para o “tu” e 84% para o pronome “você”.

A partir da análise do gráfico, verifica-se uma diferença quantitativa entre a frequência de emprego de “tu” e “você”. Em todas as classes sociais aponta-se a maior frequência para o emprego de “você”. O gráfico evidencia também que a classe média possui o menor emprego do pronome “tu”, 5% de frequência, como também o maior emprego do pronome “você”.

Esses resultados corroboram para a reflexão de que, a classe média como “detonadora” das atuações dos fatores lingüísticos e extralingüísticos sobre a língua, retém assim, a verificação de que, a frequência no emprego do pronome “você” é uma característica da realidade lingüística atual, assim como o parco emprego do pronome “tu”.

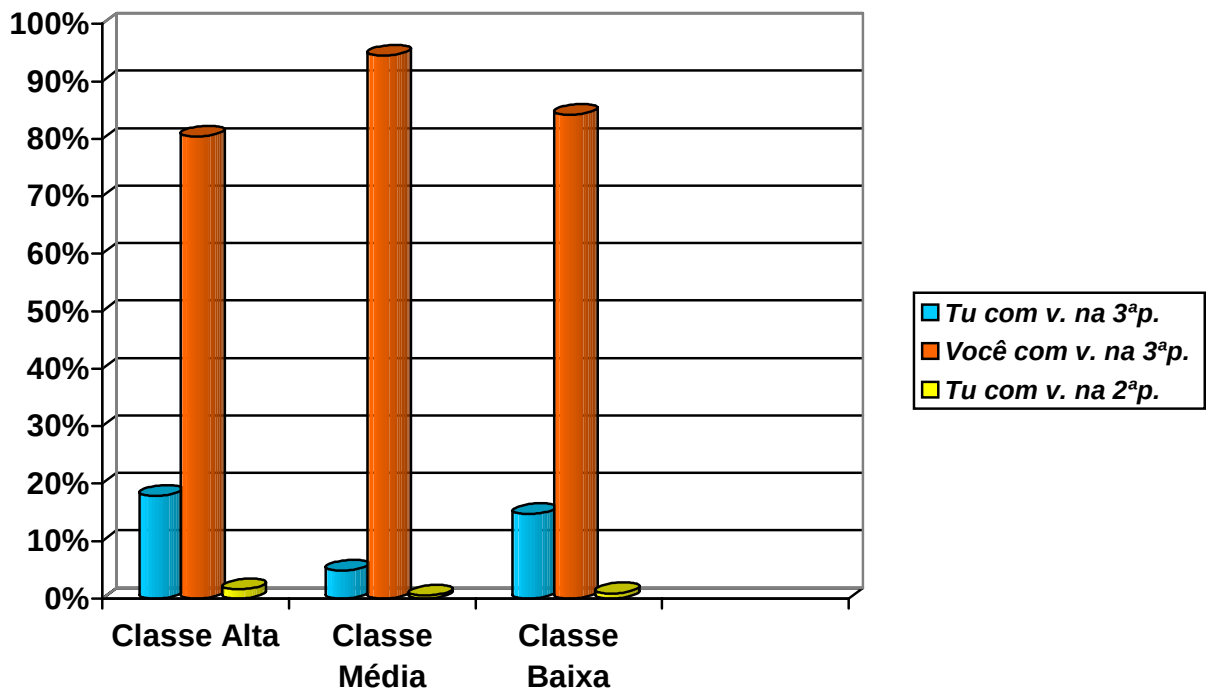
Em todas as classes sociais, apresenta-se uma frequência maior de emprego para pronome “você”. E o pronome “tu” com as menores frequências. Julgamos oportuno ressaltar que os resultados foram inesperados, visto que apresentamos o fator classe social como essencial na constituição dos resultados, contudo, o emprego em maior parte das ocorrências do pronome “você” evidenciou apenas a sua grande frequência.

E em função da importância que julgávamos ter o fator classe social, era imprescindível a expectativa de obtermos resultados mais específicos, como a possibilidade de termos resultados que mostrassem a relação de emprego maior do pronome “tu” na classe baixa. E, então, verificarmos uma possível estigmatização. Contudo, os valores conclusivos não apresentam uma frequência que seja possível fazer essa relação.

3.8 Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Classe Social x Variável Dependente

A seguir, o Gráfico 9 que apresenta o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo, a classe social e a variável dependente.

Gráfico 9 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Classe Social x Variável Dependente



O Gráfico 9 acima apresenta o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo, a classe social e a variável dependente. A classe alta emprega em 17,9% o pronome “tu” com a terceira pessoa do singular do verbo, em 1,6% o mesmo pronome na segunda pessoa verbal e a maioria com 80,4%, o pronome “você” na terceira pessoa do verbo.

A classe média apresenta 4,9% de frequência para o emprego do pronome “tu” com a terceira pessoa verbal e 0,5% na segunda pessoa, 94,5% para o pronome “você” com a terceira pessoa. A classe baixa apresentou em 14,7% de emprego do pronome “tu” com verbo na terceira pessoa e 0,9% na segunda pessoa, já o pronome “você” é empregado na terceira pessoa verbal apresentando 84,2% de frequência.

A escolha do fator classe social foi importante na constituição das hipóteses levantadas, como abordamos. O objetivo dessa escolha foi apresentar o propósito de

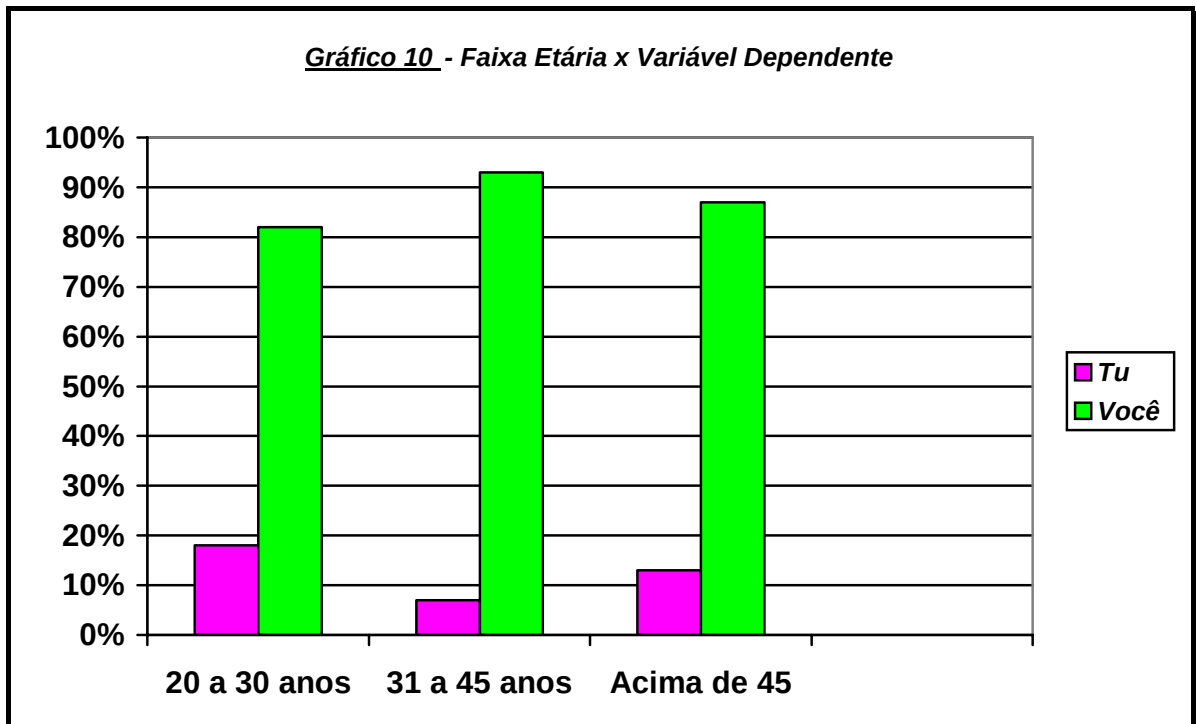
nossa análise em recuperar relações importantes quando analisássemos o paradigma número-pessoal do verbo.

Tendo em vista essa correlação, seria possível inferir um emprego do pronome “tu” com o verbo na segunda pessoa, por exemplo, à classe alta ou média e, o emprego maior do pronome “tu” com a terceira pessoa, à classe baixa. Entretanto, os resultados entre as classes foram bastante próximos. E evidenciaram que, independentemente de classe social, o pronome “você”, com a terceira pessoa do verbo foi o mais empregado por todas as classes sociais.

Por meio destes resultados, o fator classe social não favorece o emprego pronominal e, muito menos no paradigma verbal. Confirma-se, assim, a assertiva de que a classe social não favorece afirmações concludentes.

3.9 Faixa Etária x Variável Dependente

O Gráfico 10, a seguir, representa o cruzamento entre a faixa etária com a variável dependente de nosso trabalho.



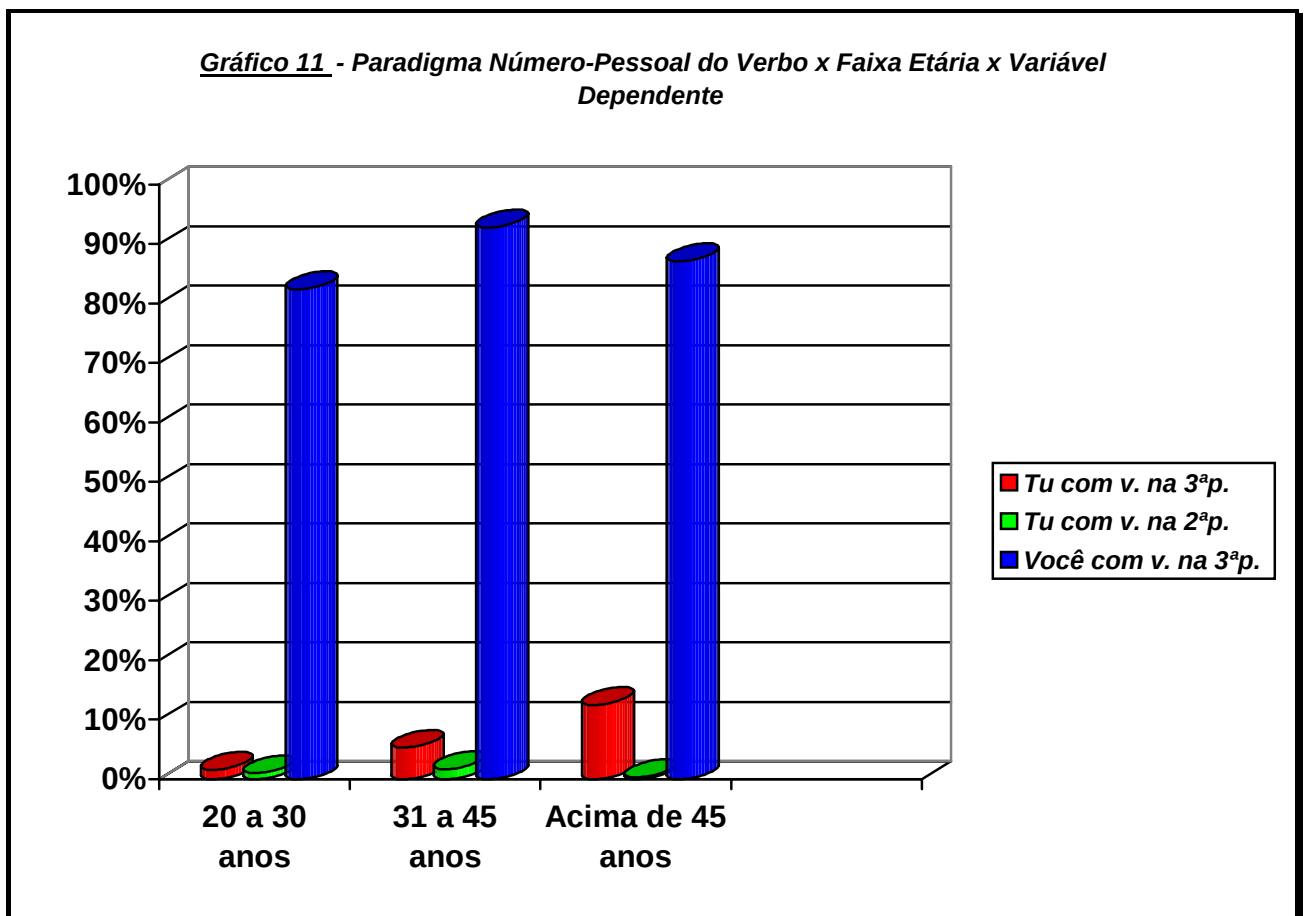
Em relação ao Gráfico 10 acima, o grupo de 20 a 30 anos apresenta 18% de emprego do pronome “tu” e 82% do pronome “você”. Entre 31 a 45 anos, 7% de emprego do pronome “tu” e 93% do pronome “você”. Entre os falantes acima de 45 anos, o pronome “tu” é empregado em 13% dos casos e o pronome “você” em 87% dos falantes.

Assim como o fator classe social, havia uma expectativa que a faixa etária fosse importante para os resultados da análise, pois são parâmetros pertinentes para o estudo da Variação e, podem estabelecer relações como uma estratificação social.

O que se verificou por meio dos resultados é que o pronome “você” é o mais freqüente em todos os grupos etários, com um percentual quantitativo maior em relação ao pronome “tu”. Por meio dos resultados, verificou-se que a faixa etária não favorece uma ou outra ocorrência da variável de segunda pessoa.

3.10 Paradigma Número-Pessoal x Faixa Etária x Variável Dependente

O Gráfico 11, a seguir, apresenta o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo, o fator idade e a variável dependente:



O Gráfico 11 apresenta o cruzamento entre o paradigma número-pessoal do verbo, faixa etária e a variável dependente. O grupo de jovens pertencentes às faixas de 20 a 30 anos emprega em 16,5% de frequência, o pronome “tu” com a terceira pessoa do singular do verbo; em 1% de emprego, o pronome “tu” com a segunda pessoa e, em 82,4% de frequência, o pronome “você” com a terceira pessoa.

A faixa etária de 31 a 45 anos emprega o “tu” com a terceira pessoa em 5,3% de frequência e, 1,7% de emprego para segunda pessoa verbal, já o pronome “você” é empregado com a terceira pessoa em 92,8%.

O grupo acima de 45 anos emprega o pronome “tu” com a terceira pessoa verbal em 12,5%, na segunda pessoa em 0,3% de frequência e, o pronome “você” na terceira pessoa em 87,1%.

Assim como o cruzamento anterior entre a variável dependente e a faixa etária, este cruzamento não favorece a apresentação de resultados que sejam relevantes para a análise. Além disso, Labov relata que os grupos intermediários é que representam a atuação no sistema. E esperava-se, dessa maneira, resultados mais conclusivos também entre a faixa de 31 a 45 anos.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que o fator idade não representou, em nossa análise, por meio dos resultados do Gráficos 10 e 11, favorecimento à conclusão de hipóteses acerca das questões levantadas.

3.11 Considerações Parciais

Neste capítulo, foi possível observar os dados trabalhados em nossa análise. Como verificado, confirmamos algumas hipóteses e refutamos outras. Além disso, trabalhamos as hipóteses e os dados através da teoria apresentada no Capítulo 1.

Mas, para encerrar este capítulo, parece conveniente retornar ao questionamento que implicou na análise de nossa pesquisa: o pronome “tu” co-ocorre com muita frequência em Imperatriz e não ocorre em Uberlândia?

Com base nos valores apresentados, a nossa primeira dúvida encaixa-se na atuação do processo lingüístico. Procuremos refletir sobre o emprego do pronome “tu”, o qual esperávamos ser o maior freqüente. Estruturas como *tu não achas entendimento na língua?*³⁹ está cada vez menos empregada.

³⁹ Exemplo nosso.

Uma outra observação é a importância que características geográficas implicam no estudo da língua. Em nosso trabalho, essa relação apresentou resultados importantíssimos, além de confirmar hipóteses levantadas.

A escolha dos fatores extralingüísticos como classe social e faixa etária foram baseados nos valores conhecidos por Labov que direciona a implicância desses termos no processo de heterogeneidade lingüística.

Neste capítulo, foi possível, ainda, utilizarmos exemplos retirados de nosso *corpus* composto de duas variantes geográficas, Imperatriz e Uberlândia. Nessa análise, pode-se referir afirmativamente à questão de que reconhecemos a necessidade de estudos mais profundos e com a utilização de outros grupos de fatores.

No capítulo seguinte, apresentaremos as conclusões finais de nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho de pesquisa de cunho variacionista é importante para a apresentação de dados que podem subsidiar pesquisas posteriores. E concluída a análise dos dados no Capítulo 3, é necessário retomarmos aos questionamentos que nortearam a nossa pesquisa.

No presente trabalho, foi possível constatar a confirmação da maioria de nossas hipóteses levantadas, assim como a complementação com análises não asseveradas anteriormente.

Em primeiro lugar foi questionado se o pronome “tu” ocorre com muita frequência em Imperatriz e não ocorre em Uberlândia. A resposta a este questionamento e a outras questões nele imbricadas podem ser resgatadas a partir das análises.

Pode-se afirmar que apesar de o pronome “você” ser a significante maioria quantitativa empregada em ambas localidades, o pronome “tu” ainda ocorre em Imperatriz em 27% de frequência.

Analisando esse índice, comprova-se a distribuição não-harmônica em Imperatriz entre os pronomes “tu” e “você”, e verifica-se apenas o favorecimento no emprego do pronome “você”.

Comprova-se o não-emprego do pronome “tu” em Uberlândia com 100% de frequência no emprego do pronome “você”. Esses resultados sugerem que a nossa hipótese de que o “tu” ocorre com muita frequência em Imperatriz não é confirmada, visto que é o menos freqüente.

Relacionada a esta hipótese, pode-se se afirmar que a região geográfica apresenta relevância na configuração dos dados em virtude de apresentar a variação entre os pronomes nas duas localidades.

A hipótese seguinte afirma que Uberlândia possui resquícios da segunda pessoa caracterizada por co-referentes como “te”, “ti”, “teu”. Por meio dos dados analisados, foi possível constatar em Uberlândia que o co-referente mais empregado é o “seu”, “sua”, 61,6% de frequência. Esse resultado nos sugere que, o favorecimento no emprego do co-referente “seu” em Uberlândia está relacionado aos empregos da terceira pessoa

gramatical. Pois, como o pronome “você” é o mais freqüente, há um favorecimento de maior emprego também nos seus co-referentes.

Analisando os índices de co-referentes de segunda pessoa como “te” e “ti”, na cidade mineira, diferentemente do que ocorre com o pronome “seu”, estes são pouco freqüentes.

Em Imperatriz, os dados apresentam resultados diferentes aos de Uberlândia quando é empregado o pronome “tu”. O co-referente “seu”, que é o mais freqüente na cidade mineira, é o menos empregado em Imperatriz, quase não utilizado com o pronome “tu” e mais freqüente com pronome “você”.

Na cidade do Maranhão, são os co-referentes “teu” e “tua” que estão mais freqüentes, 56,2%. Esses resultados sugerem que Imperatriz possui um referencial pronominal diferente de Uberlândia, já que em Imperatriz, a segunda pessoa “tu” ainda favorece o emprego de seus co-referentes. Assim, o pronome “você” favorece o aparecimento do co-referente “seu” e o pronome “tu” o favorecimento de co-referentes como “te”, “ti” e “teu”. Por isso, os pronomes “seu” e “sua” são quase nulos quando o pronome “tu” é empregado.

Com relação ao pronome “contigo”, não há emprego na cidade de Uberlândia, onde foi substituído por “com você”. Em Imperatriz, o emprego do pronome “contigo” é equilibrado entre os pronomes “tu” e “você”.

O cruzamento entre a variável dependente, termo co-referente de segunda pessoa e a região geográfica é relevante por que tendo em vista essa correlação e a relação entre pronome pessoal e termo co-referente, a variação encontrada no contraste regional é que proporcionará o emprego e a representação do termo co-referente.

Um outro fator que é bastante peculiar é o paradigma número-pessoal do verbo. Em Uberlândia, como esperado, o pronome “você” combina a um verbo na terceira pessoa do singular. No caso de Imperatriz, há a existência de três paradigmas verbais, um que emprega o pronome “você” e terceira pessoa do verbo, outro com o pronome “tu” e a segunda pessoa verbal e, por último, um com o pronome “tu” e o verbo na terceira pessoa.

O paradigma verbal de terceira pessoa é freqüente, visto que há a interiorização dos empregos em terceira pessoa e morfema $\emptyset$. Além disso, o emprego do pronome “você”, e de co-referentes favoreceram também o emprego de verbos em terceira pessoa.

Com relação à segunda pessoa do verbo e sua pouca freqüência, evidencia-se que a erosão do sistema flexional acontece realmente, como apontamos nos capítulos 1 e 3. Desse modo, as hipóteses de que o pronome “tu” concorda com o verbo na segunda e terceiras pessoas se confirmam.

Uma última reflexão acerca do emprego do pronome “tu” e a segunda pessoa do verbo; esta correlação representa uma marca lingüística de Imperatriz, embora com pouca freqüência.

É interessante notar, que a região geográfica implica variação no pronome de segunda pessoa, e este pronome favorece variação no paradigma verbal como apontamos. A região geográfica representa, desse modo, um fator de relevância em nossa pesquisa.

Os dados de nossa pesquisa revelam que Imperatriz apresenta empregos diferenciados de Uberlândia. Esta já não possui o pronome “tu”, somente o “você” combinado a um verbo em terceira pessoa, apenas alguns co-referentes de segunda pessoa gramatical em freqüências menores. No caso daquela, há a presença do pronome “tu” em percentual menos significativo que o pronome “você”, apenas 27% , combinado a 7,7% com o verbo na segunda pessoa. Verifica-se, desse modo, que Imperatriz também acompanha a tendência de empregar-se o morfema $\emptyset$.

Analisando o fator classe social, verifica-se que o pronome “você” é o mais freqüente em todas as classes. Apesar disso, é interessante notar que a classe média com o emprego menor do pronome “tu” e maior do pronome “você”, representa claramente a situação de ambos pronomes em nossa pesquisa, como um painel da situação lingüística das áreas pesquisadas.

Foi possível verificar ainda que a classe social não é um fator que interfira na escolha da variável de segunda pessoa, pois todas as classes sociais empregaram mais o pronome “você” com o verbo na terceira pessoa.

E, finalmente, em uma última reflexão, está o fator faixa etária que, por sua vez, é semelhante ao fator classe social. Independentemente de idade, o pronome “você” será o mais empregado. O cruzamento entre paradigma número-pessoal do verbo, faixa etária e variável dependente iguala-se ao cruzamento entre faixa etária e variável dependente. A maioria dos falantes emprega o pronome “você” com o verbo na terceira pessoa do singular.

Concluindo nosso trabalho, chamamos a atenção para a confirmação de que há variação de “tu” e “você” em Imperatriz e o não-emprego de “tu” em Uberlândia. Comprova-se, ainda, referência ao pronome “tu” por meio de co-referentes de segunda pessoa empregados em Uberlândia, como o “te”, “ti”, “teu”, “tua”, embora em menor frequência. Vale lembrar que o pronome “tu” está na maioria dos casos flexionado com a terceira pessoa verbal, confirmando nossas hipóteses.

REFERÊNCIAS

ABREU, R.L. **Wikipédia** – a enciclopédia livre. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 29 ago.2006.

ALMEIDA, N.M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1980. 658 p.

CEGALLA, D.P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1979. 439 p.

CINTRA, L.F.L. **Sobre as “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. 118 p.

CUESTA, P.V.; LUZ, M.A.M. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa/São Paulo: Martins Fontes, 1971. 702 p.

CUNHA, C.F. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1982. 655 p.

FARACO, C.A. O Tratamento “Você” em Português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, v. 13, p. 51-82. 1996.

FIQUENE, J.R. **Lampejos**. São Luiz: Sioge, 1994. 90 p.

FREITAS, J. Os Pronomes Pessoais na Norma Culta e nos Textos Pedagógicos. **Estudos Lingüísticos e Literários**, v. 11, p. 117-132, ago. 1991.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change** – social factors. Blackwell: Oxford, UK Cambridge, USA, 2001.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. The Study of Language in its Social Context. In: **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 1972. p. 183-259.

LEÃO, P.B. **Variação de Tu e Você no Português Falado no Sul do Brasil**. Disponível em: <www.ufrgs.br/propesq/livro2/index_paula.htm>. Acesso em: 11 out. 2004.

LOPES, C.R.S.; DUARTE, M.E.L. De “**Vossa Mercê**” a “**Você**”: a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX. Anais do XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2004.

_____. “**Vossa Mercê**” > “**Você**” e “**Vuestra Merced**” > **Usted**: o percurso evolutivo ibérico. Revista Lingüística, v. 14,, p. 173-190, 2002.

_____. O Processo Evolutivo de Vossa Mercê > Você (Português) e Vuestra Merced > Usted (Espanhol). In: ABRALIN, 26, 2001. **Boletim Abralin**, 2001. p. 106-108.

_____. De Gente para A Gente: o século XIX como fase de transição. In: **Para A Nova História do Português Brasileiro** – v. III. Novos Estudos, 2002. p. 25-46.

_____. O Processo Evolutivo de Vossa Mercê > Você (Português) e Vuestra Merced > Usted (Espanhol). In: ABRALIN, 26, 2001. **Boletim Abralin**, 2001. p. 106-108.

MATTOS E SILVA, R.V. Variação, Mudança e Norma – movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. (Org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 291-316.

_____. **Contradições no Ensino de Português** – a língua que se fala x a língua que se ensina. São Paulo: Contexto, 1995. 94 p.

MENON, O.P.S. Pronome de Segunda Pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas de Ira. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164, mar. 2000.

_____. O Sistema Pronominal do Português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, p. 91-106, 1995.

MODESTO, A.T.T. Notícias de Estudos Realizados sobre as Formas de Tratamento no Português Brasileiro. **Revista Letra Magna** – revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, lingüística e literatura, v.2, p. 1-9, jul. 2005.

MONTEIRO, J.L. Fenômenos de Variação no Uso dos Pronomes Pessoais. **Revista de Letras**. Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 135-149, jan./dez. 1988.

ROBERTS, I. O Português Brasileiro no Contexto das Línguas Românicas. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.). **Português Brasileiro** – uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 409-425.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979. 528 p.

SANKOFF, D. Variable Rules. In: Amon, U.; DITTMAR, N.; MARTTHEIER, K.J. (Eds.). **Sociolinguistics** – an international handbook of the science language and society. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SILVA, V.L.P. O Caso dos Pronomes-Sujeito. In: ABRALIN, 15, 1994. **Boletim Abralin**, 1994. p. 59-65.

TARALLO, F. Sobre a Alegada Origem Crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.). **Português Brasileiro** – uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 35-68.

_____. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além – mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.). **Português Brasileiro** – uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993a. p. 69-105.

_____.; KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica**: variação intra- e inter-lingüística. Campinas: Preedição-5, 1989. 41 p.

_____. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985. 331 p.

TENÓRIO, A.N.A. **O Uso das Formas “Tu” e “Você” em Diálogos de Maceioenses**. 2002. 87 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

TORRES, A.A. **Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa**. Lisboa: Fundo de Cultura, 1966. 285 p.

VANDRESEN, P.; BRISOLARA, L.B. Concordância Variável do Pronome “Tu” na Fronteira Sulriograndense. In: ABRALIN, 26, 2001. **Boletim Abralin**, 2001. p. 504-506.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195

ANEXOS

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nome completo:

Idade:

Sexo: () Feminino () Masculino

Residência:

Local de Nascimento:

Por favor, preencher os quadros abaixo:

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginasial incompleto	1
Ginasial completo/Colegial	2

incompleto	
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTAS⁴⁰

Nome completo:

Idade:

Sexo: () Feminino () Masculino

Residência:

Local de Nascimento:

- 1) Como você se vê ou se descreve?
- 2) O que você faz, qual o seu trabalho?
- 3) Me fale sobre seu trabalho, descreva pra mim.
- 4) Nele você ganha bem?
- 5) Então você não passa necessidade?
- 6) Por quê?
- 7) Qual a sua religião?
- 8) Digamos que você tenha a missão de evangelizar alguém, falar de Deus pra essa pessoa, o que você diria pra ela?
- 9) O que você mais gosta de comer?
- 10) E como se faz esse prato? Você sabe?

⁴⁰ Este roteiro foi aplicado em Imperatriz apenas, visto que o *corpus* de Uberlândia foi retirado das entrevistas realizadas por orientandas anteriores. As perguntas variam no emprego do pronome “você” e do pronome “tu”, assim como no uso do verbo em terceiras e segundas pessoas quando o pronome “tu” é empregado, esta é uma atitude do entrevistador em se aproximar da fala do informante.

- 11) Qual o prato típico da sua região?
- 12) Você sabe como faz? Fale pra gente.
- 13) Você já se decepcionou com alguém?
- 14) Se você encontrasse essa pessoa na sua frente, o que você fala pra ela?
- 15) Se chegasse alguém de fora de Imperatriz e ela te perguntasse “como eu faço para chegar na Beira-Rio?”. Como você a orienta?
- 16) Lembre de quando você era pequeno, no seu tempo de escola e você não fazia seus deveres de casa. Como a professora reagia quando via que você não havia feito seus exercícios de casa?
- 17) Já que falamos da sua vida quando você era criança, você acha que esse período da sua vida era mais fácil do que hoje em dia? Por quê?
- 18) Digamos que você tenha uma pessoa que você gosta muito. Aí um dia você encontra essa pessoa muito triste na sua frente. O que você fala pra ela naquele momento para animá-la ou confortá-la?
- 19) Quando você era criança, alguém contava histórias pra você?
- 20) Você se lembra de alguma que possa contar?
- 21) Se você soubesse que o seu melhor amigo ou amiga estivesse doente, o que você falaria pra ele?
- 22) Você já foi assaltado (a)?

- 23) Se você fosse vítima de um assalto, mas logo depois ele fosse preso e na delegacia você tivesse oportunidade de falar com o assaltante, ali, na sua frente, o que você fala pra ele?
- 24) Você é fã de algum artista?
- 25) E vendo ele (ela) na sua frente, qual é a sua reação?
- 26) Sonhar não paga imposto, todo mundo sempre tem um sonho, e pra você, qual é o seu maior sonho?
- 27) Você acredita em horóscopo?
- 28) Por quê?
- 29) O que você acha do atual prefeito de Imperatriz?
- 30) Você tem algo de bom ou de ruim para falar dele?
- 31) Mais algum fato que você viu ou algo que aconteceu na cidade por causa da administração dele?
- 32) E quanto aos jovens, os jovens que se prostituem, que se drogam, se você pudesse fazer alguma coisa por um jovem assim, o que vocêalaria pra ele?
- 33) Se você pudesse ser uma pessoa famosa, quem você gostaria de ser?
- 34) Por quê?
- 35) Deixe uma mensagem para nós, ou fale de algo que você queira acrescentar.

36) Muito obrigada pela entrevista.

**ANEXO 3: TABELA DOS INFORMANTES DA PESQUISA – CORPUS
IMPERATRIZ/MARANHÃO⁴¹**

Informante	Sigla	Faixa Etária	Classe Social
01	JMH	acima de 45 anos	classe alta
02	EJP	acima de 45 anos	classe alta
03	ESP	20 a 30 anos	classe média
04	AMP	acima de 45 anos	classe baixa
05	IJP	31 a 45 anos	classe baixa
06	AGM	acima de 45 anos	classe baixa
07	ZOA	20 a 30 anos	classe baixa
08	JOAS	31 a 45 anos	classe baixa
09	FCA	20 a 30 anos	classe baixa
10	DBC	31 a 45 anos	classe média
12	AJP	31 a 45 anos	classe baixa
13	ASP	20 a 30 anos	classe baixa
14	RSM	20 a 30 anos	classe baixa
15	NSA	20 a 30 anos	classe média
16	ACSS	31 a 45 anos	classe baixa
17	TPS	20 a 30 anos	classe baixa
18	R	20 a 30 anos	classe baixa
19	AMN	20 a 30 anos	classe alta
20	JPH	20 a 30 anos	classe alta
21	KDGP	20 a 30 anos	classe baixa
22	EWOA	20 a 30 anos	classe média
24	MSDM	acima de 45 anos	classe média
25	JAPL	31 a 45 anos	classe baixa
26	FGA	31 a 45 anos	classe baixa
27	EDAG	31 a 45 anos	classe alta
28	KPFR	20 a 30 anos	classe média
29	HKHD	20 a 30 anos	classe média
30	AJP	acima de 45 anos	classe baixa
31	ILRA	31 a 45 anos	classe média
32	VRP	acima de 45 anos	classe alta
33	CO	acima de 45 anos	classe alta
34	OMC	20 a 30 anos	classe alta
35	WSB	20 a 30 anos	classe média
36	LBFD	20 a 30 anos	classe alta

⁴¹ É comum durante o trabalho de pesquisa a perda de alguns documentos. Em nosso caso, houve a perda de duas fitas do corpus Imperatriz, assim se somaram 43 entrevistas. Com isso, retiramos também duas fitas do corpus de Uberlândia com o propósito de igualar-se o número (43) e que, assim, não houvesse desvantagem na análise. Contudo, continuamos com o número padronizado, chegando a um número fictício de 88 entrevistas, e, na verdade, totalizaram-se 86 entrevistas.

37	CCHR	20 a 30 anos	classe alta
38	BGSL	20 a 30 anos	classe baixa
39	EBS	20 a 30 anos	classe média
40	LDGL	20 a 30 anos	classe média
41	DPL	31 a 45 anos	classe média
42	LBF	acima de 45 anos	classe alta
43	AMP	acima de 45 anos	classe alta
44	MGF	acima de 45 anos	classe alta
45	GHEM	20 a 30 anos	classe alta

**ANEXO 4: TABELA DOS INFORMANTES DA PESQUISA – CORPUS
UBERLÂNDIA/MINAS GERAIS**

Informante	Sigla	Faixa Etária	Classe Social
46	AARS09	31 a 45 anos	classe baixa
47	AM	31 a 45 anos	classe média
48	AMO	20 a 30 anos	classe baixa
49	AS13	20 a 30 anos	classe baixa
50	BK45	acima de 45 anos	classe baixa
51	CAM02	20 a 30 anos	classe alta
52	CAS	20 a 30 anos	classe alta
53	CCFFC	20 a 30 anos	classe baixa
54	EAS18	acima de 45 anos	classe média
55	EPS	acima de 45 anos	classe alta
56	FAM05	20 a 30 anos	classe alta
57	FAS08	31 a 45 anos	classe baixa
58	FEB	20 a 30 anos	classe média
59	FPB	acima de 45 anos	classe baixa
60	GAT	20 a 30 anos	classe alta
61	HTC	acima de 45 anos	classe alta
62	IFR	31 a 45 anos	classe baixa
63	IMG03	acima de 45 anos	classe baixa
64	JSM10	acima de 45 anos	classe alta
65	KA	31 a 45 anos	classe alta
66	KAS11	31 a 45 anos	classe média
67	LAFA	20 a 30 anos	classe baixa
68	LD7	31 a 45 anos	classe alta
69	LH	31 a 45 anos	classe média
70	LVG	20 a 30 anos	classe baixa
71	MIMR	31 a 45 anos	classe alta
72	MJR19	20 a 30 anos	classe baixa
73	MRPM	20 a 30 anos	classe alta
74	MTAL	31 a 45 anos	classe média
75	NAS	20 a 30 anos	classe baixa
76	NCM06	31 a 45 anos	classe média
77	NLVBG	31 a 45 anos	classe média
78	RACS	31 a 45 anos	classe baixa
79	RAP	20 a 30 anos	classe baixa
80	RC	31 a 45 anos	classe alta
81	RRB04	31 a 45 anos	classe média
82	SAG	acima de 45 anos	classe média
83	SMT	acima de 45 anos	classe alta
84	TRM	20 a 30 anos	classe média
85	VBS	20 a 30 anos	classe baixa

86	WOG	acima de 45 anos	classe média
87	WS12	acima de 45 anos	classe baixa
88	SPRP	31 a 45 anos	classe média

ANEXO 5: CRITÉRIO BRASIL

CRITÉRIO BRASIL MEDE O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR

O objetivo do Critério Brasil é medir o poder aquisitivo do consumidor. Os critérios para classificação social do País foram estabelecidos pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme), com base nos Levantamentos Socioeconômico de 1993 e 1997.

Cinco classes econômicas

A classificação socioeconômica do Brasil foi estratificada em cinco classes, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas.

Classe	Pontos
A1	30-34
A2	25-29
B1	21-24
B2	17-20
C	11-16
D	6-10
E	0-5

Para desenvolver o projeto, as classes serão amalgamadas da seguinte forma:

Classe A- 25 a 34 pts.

Classe B – 17 24 pts

Classe C –

Como se calcula

O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos.

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário	0

incompleto	
Primário completo/Ginasial incompleto	1
Ginasial completo/Colegial incompleto	2
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

Levantamento Socioeconômico

O aumento do poder aquisitivo das classes mais baixas verificado nos últimos anos, principalmente após o Plano Real, gerou um deslocamento da pirâmide social brasileira em direção ao topo. Essa mutação se deve ao aumento da posse de bens duráveis, base para a aferição dos critérios de classificação social.

O Critério Brasil veio atualizar a distribuição da população brasileira por classes, representando mais adequadamente o potencial de consumo de cada extrato da sociedade.

<http://www.ibope.com.br> - pesquisa

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginasial incompleto	1
Ginasial completo/Colegial	2

incompleto	
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

ANEXO 6: TABELAS DE RESULTADOS NA PESQUISA

TABELA 5

Tabela 5 - Região Geográfica x Variável Dependente – Leitura Horizontal⁴²

Variável Região Geográfica	TU		VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Imperatriz/MA	143	27	387	73	530	100
Uberlândia/MG	0	0	529	100	529	100

TABELA 6

Tabela 6 - Região Geográfica x Variável Dependente – Leitura Vertical

Variável Região Geográfica	TU		VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%
Imperatriz/MA	143	100	387	42,2
Uberlândia/MG	0	0	529	57,6
Total	143	100	917	100

⁴² Tabela referente ao Gráfico 2.

TABELA 7

Tabela 7 - Variável Dependente x Termo Co-Referente de 2ª Pessoa – Leitura Horizontal⁴³

Variável Termo Co-Referente De 2ª Pessoa do Singular	TU		VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Seu, sua	1	1	111	99	112	100
Teu, tua	9	56	7	44	16	100
Te, ti	14	22	50	78	64	100
Contigo	2	50	2	50	4	100

TABELA 8

Tabela 8 - Variável Dependente x Termo Co-Referente de 2ª Pessoa – Leitura Vertical

Variável Termo Co-Re- ferente de 2ª Pessoa	TU		VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%
Seu, sua	1	3,8	111	65,2
Teu, tua	9	34,6	7	4,1
Te, ti	14	53,8	50	29,4
Contigo	2	7,6	2	1,1
Total	26	100	170	100

⁴³ Referente ao Gráfico 3.

TABELA 9

Tabela 9 - Termo Co-referente de 2ª Pessoa x Região Geográfica x Variável Dependente – Leitura Horizontal⁴⁴

Região Geográfica Termo Co-Referente de 2ª Pessoa do Singular	TU Imperatriz		VOCÊ Imperatriz		VOCÊ Uberlândia		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Seu, sua	1	0,8	42	37,5	69	61,6	112	100
Teu, tua	9	56,2	3	18,7	4	25	16	100
Te, ti	14	21,8	20	31,2	30	46,8	64	100
Contigo	2	50	2	50	0	100	4	100

TABELA 10

Tabela 10- Termo Co-referente de 2ª Pessoa x Região Geográfica x Variável Dependente – Leitura Vertical

Região Geográfica Termo co-referente de 2ª pessoa do singular	TU Imperatriz		VOCÊ Imperatriz		VOCÊ Uberlândia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Seu, sua	1	3,8	42	62,6	69	66,9
Teu, tua	9	34,6	3	4,4	4	3,8
Te, ti	14	53,8	20	29,8	30	29,1
Contigo	2	7,6	2	2,9	0	0

⁴⁴ Correspondente ao Gráfico 4.

Total	26	100	67	100	103	100
-------	----	-----	----	-----	-----	-----

TABELA 11

Tabela 11 - Variável Dependente x Paradigma Número-Pessoal do Verbo –
Leitura Horizontal

Variável Paradigma Número-Pessoal do Verbo	TU		VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo na 3ª p.s.	132	13	916	87	1048	100
Verbo na 2ª p.s.	11	100	0	0	11	100

TABELA 12

Tabela 12 - Variável Dependente x Paradigma Número-Pessoal do Verbo –
Leitura Vertical⁴⁵

Variável Paradigma Número-Pessoal do Verbo	TU		VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%
Verbo na 3ª p.s.	132	92,3	916	100
Verbo na 2ª p.s.	11	7,7	0	0
Total	143	100	917	100

⁴⁵ Correspondente ao Gráfico 5.

TABELA 13

Tabela 13 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Região Geográfica x Variável Dependente – Leitura Horizontal⁴⁶

Região Geográfica Paradigma número-pessoal do verbo	Imperatriz TU		Imperatriz VOCÊ		Uberlândia VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo na 3ª p. s.	132	12,5	387	36,9	529	50,4	1048	100
Verbo na 2ª p. s.	11	100	0	0	0	0	11	100

TABELA 14

Tabela 14 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Região Geográfica x Variável Dependente– Leitura Vertical⁴⁷

Região Geográfica Paradigma Número-Pessoal do Verbo	Imperatriz TU		Imperatriz VOCÊ		Uberlândia VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo na 3ª p.s.	132	92,3	387	100	529	100
Verbo na 2ª p.s.	11	7,6	0	0	0	0
Total	143	100	387	100	529	100

⁴⁶ Referente ao Gráfico 6.

⁴⁷ Correspondente ao Gráfico 7.

TABELA 15Tabela 15- Classe Social x Variável Dependente⁴⁸

Variável Classe Social	TU		VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe Alta	73	20	301	80	374	100
Classe Média	20	5	347	95	367	100
Classe Baixa	50	16	268	84	318	100

TABELA 16Tabela 16 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Classe Social x Variável Dependente⁴⁹

Paradigma Número-Pessoal Do Verbo Classe Social	TU Verbo na 3ª Pessoa do Singular		VOCÊ Verbo na 3ª Pessoa do Singular		TU Verbo na 2ª Pessoa do Singular		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe Alta	67	17,9	301	80,4	6	1,6	374	100
Classe Média	18	4,9	347	94,5	2	0,5	367	100
Classe Baixa	47	14,7	268	84,2	3	0,9	318	100

⁴⁸ Referente ao Gráfico 8.⁴⁹ Correspondente ao Gráfico 9.

TABELA 17Tabela 17 - Faixa Etária x Variável Dependente⁵⁰

Variável Faixa Etária	TU		VOCÊ		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	85	18	399	82	484	100
31 a 45 anos	20	7	260	93	280	100
Acima de 45 anos	38	13	257	87	295	100

TABELA 18Tabela 18 - Paradigma Número-Pessoal do Verbo x Faixa Etária x Variável Dependente⁵¹

Paradigma Número-Pessoal Do Verbo Faixa Etária	TU Verbo na 3ª Pessoa do Singular		TU Verbo na 2ª Pessoa do Singular		VOCÊ Verbo na 3ª Pessoa do Singular		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	80	16,5	5	1	399	82,4	484	100
31 a 45 anos	15	5,3	5	1,7	260	92,8	280	100
Acima de 45	37	12,5	1	0,3	257	87,1	295	100

⁵⁰ Referente ao Gráfico 10.⁵¹ Referente ao Gráfico 11.

